

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DO ACADÊMICO AO ALGORITMO: A DIVULGAÇÃO DE HISTÓRIA
ATRAVÉS DO CANAL HISTORIAR-SE**

Uberlândia – MG
2026

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DO ACADÊMICO AO ALGORITMO: A DIVULGAÇÃO DE HISTÓRIA
ATRAVÉS DO CANAL HISTORIAR-SE**

Dissertação no Programa de Pós- graduação em
História, Linha de Pesquisa: Linguagens,
Identidades e Subjetividades

Orientanda: Stefanie Kathleen de Sousa Quintino
Orientador: Prof. Drº. Alexandre de Sá Avelar

Uberlândia – MG
2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Q7
2026 Quintino, Stefanie Kathleen de Sousa, 1995-
DO ACADÊMICO AO ALGORITMO: [recurso eletrônico] : A
DIVULGAÇÃO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DO CANAL HISTORIAR-SE /
Stefanie Kathleen de Sousa Quintino. - 2026.

Orientador: Alexandre de Sá Avelar.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.396>
Inclui bibliografia.

1. História. I. Avelar, Alexandre de Sá ,1975-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História.
III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 42, PPGHI				
Data:	vinte e sete de março de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12412HIS003				
Nome do Discente:	Stefanie Kathleen de Sousa Quintino				
Título do Trabalho:	Do acadêmico ao algoritmo: a divulgação de história através do canal Historiar-se				
Área de concentração:	História, cultura e poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, identidades e subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Os nossos passados ainda são históricos?				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em [História](#), assim composta: Professores(a) Doutores(a): [Carla Miucci Ferraresi Barros - UFU](#); [Murilo Cleto - UFPR](#); [Alexandre de Sá Avelar orientador da candidata](#).

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Prof. Dr. [Alexandre de Sá Avelar](#), apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#)

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 27/03/2026, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Miucci Ferraresi de Barros, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/03/2026, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Murilo Prado Cleto, Usuário Externo**, em 30/03/2026, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7160776** e o código CRC **484221AE**.

Dedico este trabalho ao meu
companheiro Carlos Henrique,
com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

A escrita da História é um exercício constante de interpretação, responsabilidade e diálogo com o tempo presente. O trabalho do historiador exige não apenas rigor metodológico, mas também sensibilidade para compreender as múltiplas vozes do passado e torná-las inteligíveis no presente. Nesse percurso, nenhuma pesquisa é construída de forma solitária, pois toda escrita histórica é atravessada por leituras, debates, orientações e afetos que sustentam o fazer historiográfico.

Agradeço, com especial carinho, ao meu companheiro, Carlos Henrique Alves do Couto, cuja presença constante, apoio generoso e paciência cotidiana sustentaram este percurso desde o início. Em meio às incertezas e aos silêncios da escrita, seu incentivo foi abrigo e força. Agradeço também aos meus quatro gatos, Tom, Frida, Bart e Olga, companheiros atentos das inúmeras madrugadas de leitura e das páginas em construção.

À minha família, deixo meu agradecimento mais profundo. À minha mãe, Dalciria Aparecida Sousa Quintino, pelo amor incondicional, pela força e pelo apoio constante que atravessou todas as etapas desta trajetória. Ao meu irmão, Alisson Soari de Sousa Quintino, pelo incentivo e pela confiança. O afeto, a compreensão e o amparo familiar foram fundamentais para que este trabalho pudesse ser concluído.

Aos velhos e novos amigos que compartilharam conversas, risos, escutas atentas e incentivos ao longo desta caminhada, deixo meu sincero agradecimento: à Bianca Mendonça, Elis Passos, Guilherme Buiatti, Gustavo Spadin, Ian Gomes, Jessyca Santana, Leonardo Oliveira, Livia Boer, Michlelle Leal, Rita de Cássia, Suzana de Paula e Tiffany, cuja presença, apoio e afeto tornaram os dias de escrita mais leves e o percurso acadêmico menos solitário. Cada gesto de amizade foi fundamental para atravessar este processo com mais coragem e alegria.

Agradeço ao meu orientador, Alexandre de Sá Avelar, pela orientação atenta, pelo rigor intelectual e pelas contribuições fundamentais ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Sua disponibilidade, leitura cuidadosa e diálogo constante foram essenciais para o amadurecimento deste trabalho. Agradeço também à FAPEMIG, cujo apoio institucional e financeiro possibilitou a realização e o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, espaço de resistência, produção de conhecimento e democratização do saber, que acompanha minha trajetória desde a

graduação em História até o atual momento no mestrado. Foi na universidade pública que tive acesso a uma formação crítica, plural e socialmente comprometida, fundamental para minha carreira como historiadora. Em um país marcado por desigualdades, a UFU reafirma cotidianamente seu papel político e social, possibilitando que trajetórias como a minha existam, e se consolidem produzindo conhecimento histórico comprometido com a sociedade. Defender a universidade pública é, portanto, defender a ciência, a educação e o futuro.

Agradeço a Anita Carneiro e a Carlos Eduardo, responsáveis pelo canal Historiar-se, pela disponibilidade, generosidade e abertura ao diálogo, que possibilitaram a realização desta pesquisa. A produção de conteúdos comprometidos com a divulgação do conhecimento histórico e com o rigor historiográfico foi fundamental para as reflexões desenvolvidas neste trabalho.

Por fim, registro minha gratidão a todos e todas que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, mesmo que não nomeados diretamente. Cada conversa, leitura compartilhada, gesto de incentivo e presença, ainda que breve, deixou marcas neste percurso. Este trabalho é, portanto, resultado de um esforço coletivo, atravessado por encontros, aprendizados e afetos que ultrapassam as páginas aqui escritas.

*De a a z quem você possa imaginar
Estou preso na rede
Que nem peixe pescado
É zapzap, é like
É instagram, é tudo muito bem bolado
O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de Deus pelo iphone
(Pela Internet 2 – Gilberto Gil)*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o canal Historiar-se como expressão contemporânea da divulgação histórica no ambiente digital, tomando-o como estudo de caso para compreender práticas, estratégias e disputas de autoridade no campo da História Pública Digital. Para tanto, levantou-se a seguinte problemática: Como é feita a divulgação de história através do canal Historiar-se e a as disputas em relação a autoridade do historiador no ambiente digital. Dessa forma, busca-se promover uma reflexão sobre a perspectiva histórica apresentada, bem como sobre sua recepção e alcance junto ao público. Inserida no campo da História Pública Digital, a pesquisa discute as transformações nas formas de produção, circulação e mediação da História, atentando especialmente para as questões do alcance público e da autoridade do historiador na cultura digital. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica com a análise de fontes audiovisuais, em especial o vídeo do professor Fernando Nicolazzi, no qual são problematizadas as narrativas históricas difundidas pelo grupo Brasil Paralelo. A análise evidencia que o ambiente digital constitui um espaço de disputas simbólicas e políticas em torno do passado, no qual se tensionam os limites entre opinião e conhecimento científico. Os resultados indicam que, apesar das dificuldades impostas pelas lógicas algorítmicas e pelo imediatismo das plataformas digitais, a atuação consciente de historiadores no YouTube possibilita a ampliação do acesso ao conhecimento histórico sem a perda do rigor metodológico.

Palavras-chave: Historiar-se, História Pública-Digital, YouTube, divulgação de história

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the Historiar-se channel as a contemporary expression of historical dissemination in the digital environment, taking it as a case study to understand practices, strategies, and disputes over authority within the field of Digital Public History. To this end, the following research question was formulated: how is history disseminated through the Historiar-se channel, and how do disputes concerning the authority of the historian unfold in the digital environment? Thus, this study seeks to reflect on the historical perspective presented, as well as on its reception and public reach. Situated within the field of Digital Public History, the research discusses transformations in the modes of production, circulation, and mediation of History, paying particular attention to issues of public reach and the authority of the historian in digital culture. Methodologically, a qualitative approach is adopted, combining a bibliographic review with the analysis of audiovisual sources, especially the video produced by Professor Fernando Nicolazzi, in which the historical narratives disseminated by the group Brasil Paralelo are critically examined. The analysis demonstrates that the digital environment constitutes a space of symbolic and political disputes over the past, where the boundaries between opinion and scientific knowledge are constantly negotiated. The results indicate that, despite the challenges imposed by algorithmic logics and the immediacy of digital platforms, the conscious engagement of historians on YouTube enables the expansion of access to historical knowledge without compromising methodological rigor.

Keywords: Historiar-se, Public-Digital History, YouTube, history dissemination

Lista de tabela e figuras

Tabela 1 - Comentários do vídeo	72
Figura 1- Layout do canal Historiar-se. Fonte: Arquivo pessoal	56
Figura 2 - Lista de Reprodução canal Historiar-se. Fonte: Arquivo Pessoal	58
Figura 3 - Vídeo do canal Historiar-se. Fonte: Arquivo pessoal	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
SEÇÃO 1 – AS CONEXÕES ENTRE A HISTÓRIA E INTERNET: NOVOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER HISTÓRICO	12
SEÇÃO 1.1 – CLIO FORA DOS MUROS: AS INTERCONECÇÕES ENTRE A HISTÓRIA PÚBLICA E A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL	23
SEÇÃO 1.2 – O OFÍCIO DO HISTORIADOR DIANTE DOS ARQUIVOS DIGITAIS	29
SEÇÃO 2 — O HISTORIADOR NA ESFERA DIGITAL: OS DESAFIOS DA DIVULGAÇÃO HISTÓRICA ONLINE	34
2.1 - ENTRE NUMEROS E NARRATIVAS: A PLATAFORMA DO YOUTUBE	37
2.2 - O CANAL HISTORIAR-SE NO CONTEXTO DA DIVULGAÇÃO HISTÓRICA NO YOUTUBE	46
SEÇÃO 3 – A PROPOSTA DE ANÁLISE DO CANAL	51
3.1. O HISTORIAR-SE: FORMATO, LINGUAGEM E PÚBLICO	60
3.2 - O VÍDEO “O ESTADO NOVO FOI FASCISTA?”	66
3.3– O VÍDEO “O BRASIL PARALELO PRODUZ HISTÓRIA”	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
Apêndice 1	88

INTRODUÇÃO

A presença da internet no cotidiano contemporâneo transformou profundamente a forma como nos comunicamos, aprendemos e nos relacionamos com o mundo. O que antes exigia deslocamentos ou encontros presenciais, passou a ser feito em dispositivos cada vez mais integrados ao ritmo acelerado da sociedade. Não apenas incorporamos a internet como ferramenta, mas ela também passou a moldar as novas dinâmicas culturais, sociais e econômicas que emergem desse ambiente digital em constante evolução.

Esse cenário deu origem ao que Manuel Castells¹ denomina “sociedade em rede”, marcada pela centralidade das tecnologias digitais na organização social, econômica e cultural. A internet, inicialmente concebida como uma infraestrutura técnica, transformou-se em um espaço multifacetado de interação, negociação simbólica e construção de identidades, reconfigurando práticas cotidianas e reorganizando relações de poder.

À medida que a conectividade se expandiu, surgiram espaços de interação que ultrapassam a lógica tradicional dos meios de comunicação. O fluxo de informações tornou-se instantâneo, descentralizado e participativo, permitindo que indivíduos comuns assumissem papéis historicamente reservados a grandes instituições midiáticas. Assim, a internet deixou de ser apenas um repositório de conteúdo para se consolidar como um ecossistema vivo, no qual bilhões de usuários produzem, compartilham e reinterpretam narrativas diariamente.

Em vez de uma comunicação unidirecional, observa-se a emergência de processos participativos e colaborativos, nos quais os usuários assumem papéis simultâneos de produtores, consumidores e distribuidores de conteúdo, fenômeno explorado por Henry Jenkins² ao discutir a cultura da convergência. Segundo Jenkins, a ideia de “caixa preta” representaria o desejo da indústria de concentrar múltiplas mídias em um único aparelho, porém o que se materializa na realidade atual é a “cultura da

¹ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 9. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

² JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp. ISBN 978-85-7657-084-4

convergência” em que os usuários articulam os conteúdos em diversas plataformas, o que também representaria o processo de transformação cultural.

Além disso, em um contexto de constante expansão das novas tecnologias, Douglas Kellner³ observa que os meios de comunicação vêm ampliando gradualmente sua presença, passando a exercer influência sobre diferentes dimensões da vida humana, como os âmbitos social, cultural, econômico e político. A comunicação e a informação disseminadas pelos meios de comunicação, sobretudo pela internet, adquiriram tamanha centralidade que passaram a se constituir como uma importante forma de poder, influenciando as práticas sociais.

Nesse sentido, Kellner compreende que a mídia não apenas transmite informações, mas também produz e difunde uma cultura própria, capaz de moldar percepções, valores e formas de compreensão da realidade. Denominada de “cultura da mídia”, “cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade”⁴, essa dinâmica evidencia o papel central da mídia na construção das experiências, percepções e relações sociais na contemporaneidade.

Em 2019, quando iniciava minhas primeiras pesquisas na graduação sobre a temática, percebi que a esfera pública digital estava ganhando mais espaços e o acesso à comunicação não ficava restrito apenas às mídias tradicionais. Desta forma, percebi que o YouTube havia se tornado um campo de estudos para os historiadores(as), principalmente com o crescimento de conteúdos de revisionismo e negacionismo históricos advindos da nova direita⁵.

A monografia⁶ desenvolvida na graduação teve como tema central o estudo da presença de historiadores no YouTube, o que despertou o interesse em aprofundar essa

³ KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Bauru: EDUSC, 2001.

⁴ *Ibid.* p.09

⁵ De acordo com o artigo de André Borges, a nova direita brasileira emergiu ou se reorganizou numa resposta ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) durante as décadas de 2000 e 2010. BORGES, André. As duas faces da nova direita brasileira: antipolítica e reação conservadora. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/wTHTff4Y73WvPLPPBBvBSYn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 22/09/2025

⁶ QUINTINO, S.K.S. A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL NO YOUTUBE: uma análise dos canais Historiar-se e Historiô (2018-2020). Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia – ICHPO/UFU – Bacharelado e Licenciatura em História, 2022.

investigação na pós-graduação. Nesta nova etapa, o foco não se restringe mais à análise dos vídeos e canais produzidos por historiadores e historiadoras, mas busca compreender também o alcance dessas produções junto ao público e as disputas simbólicas travadas nas redes sociais, que colocam em questão a autoridade do historiador no ambiente digital.

A História Pública é o campo que se refere aos debates feitos com o público, para o público e pelo público⁷. Para o pesquisador Thomas Cauvin, a definição de história pública se estende à profissão do historiador e os novos questionamentos da sociedade.

Defino história pública como baseada em três ênfases particulares: a comunicação da história para públicos não acadêmicos, a participação pública e a aplicação da metodologia histórica a questões contemporâneas. Esses critérios relacionam-se a uma redefinição mais ampla da profissão de historiador desde a década de 1960.⁸

Essa observação procura destacar que nem toda produção de conteúdo voltada ao público pode ser considerada, automaticamente, História Pública. O ponto central é que a História Pública não se define apenas pela presença do público ou pela circulação ampla de debates, mas pelo fato de envolver a prática historiográfica enquanto disciplina, isto é, baseada em métodos de pesquisa, análise crítica das fontes, interpretação histórica e compromisso com a produção do conhecimento histórico.

Assim, um debate nas redes sociais, um vídeo de opinião ou uma discussão sobre acontecimentos do passado podem dialogar com o público sem necessariamente constituírem História Pública. Para que isso aconteça, é importante que exista uma relação com o fazer historiográfico, mediada por procedimentos próprios da disciplina História. Em outras palavras, não basta falar sobre o passado para o público; é preciso construir uma interpretação histórica fundamentada, mesmo quando realizada em formatos mais acessíveis e digitais.

É quase como aquela diferença entre “falar de história” e “fazer História”. Na prática, muita coisa circula na internet usando linguagem histórica, estética de documentário e até mapas dramáticos com música épica de fundo. A História Pública

⁷ MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. *História Pública: Sentidos e Itinerários*. São Paulo: Letra e Voz. 348p., 2016.

⁸ CAUVIN, Thomas. The rise of Public History: an international perspective. *História Crítica*, n. 68, p. 3-26, 2018. CAUVIN, Thomas. Reply. 2018a. Disponível em: <<https://public-history-weekly.degruyter.com/6-2018-12/neoliberalism-public-history/>>. Acesso em: 10 nov. 2018

busca justamente aproximar o conhecimento histórico da sociedade sem renunciar ao rigor intelectual da disciplina.

Compreendemos por História Digital a forma de trabalharmos com o conteúdo histórico através das tecnologias, pois “é uma abordagem metodológica moldada pelo poder hipertextual dessas tecnologias para criar, definir, consultar e anotar associações no registro humano do passado”⁹. “O que está em jogo aqui não é a decadência do espírito do historiador, a ausência de cientificidade, ou quaisquer termos pejorativos que diminuem os significados dessas pesquisas, mas sim um otimismo frente aos debates que surgem sobre tema: divulgação histórica”¹⁰ evidenciando novas possibilidades de produção, circulação e democratização do conhecimento histórico na contemporaneidade.

A divulgação de história, utilizado por Bruno de Carvalho e Ana Paula Teixeira, e a popularização das plataformas digitais deslocaram o historiador do ambiente exclusivamente acadêmico para uma arena muito mais ampla, em que narrativas históricas disputam atenção com entretenimento, opinião e conteúdo de forte apelo ideológico. Os autores observam que este interesse pelo conteúdo de História, e particularmente no Brasil, tem relação com a conjectura política adversa: “a divulgação do saber histórico para amplas audiências deve acontecer para além dos momentos de crises institucionais e de crise da democracia”¹¹.

A divulgação de história exige, portanto, um trabalho que combine método, clareza narrativa e responsabilidade pública. Quando o historiador se engaja nesse processo, ele não apenas amplia o alcance público de conteúdos acadêmicos, mas participa ativamente da construção de sentidos sobre o passado no presente. E esse é um terreno fértil para refletir sobre como a história continua sendo uma prática social essencial, mesmo em meio aos desafios das redes sociais.

⁹ SILVA, Daniel Ferreira da; SILVA, Marcelo de Souza. Apresentação do dossiê “História Pública, Mídias Digitais e Perspectivas para o Ensino de História”. *Horizontes Históricos*, v. 9, n. 2, p. 7-13, 2024. Disponível em: Horizontes Históricos. Acesso em: 10 maio 2026

¹⁰ SOUZA, Lucas Scarpini de. *A História pública e divulgação de história: um exercício de divulgação e boas mídias*. Ensino C Pesquisa, União da Vitória, v. 18, n. 2, p. 142-145, maio/jul. 2020. Disponível em: [Ensino C Pesquisa](#). Acesso em: 10 maio 2026.

¹¹ CARVALHO, Bruno. TEIXEIRA, Ana Paula. (2019). História pública e divulgação de história. – São Paulo, SP: Letra e Voz.

Portanto, pretendo analisar como é feita a divulgação de história especificamente no canal Historiar-se¹². O canal trabalha com uma lógica que valoriza explicações contextualizadas, fontes identificáveis e problematização do conteúdo apresentado, três coisas que parecem simples, mas que no ecossistema do YouTube são desafiadoras. Em vez de oferecer respostas rápidas e sedutoras, o Historiar-se aposta na construção do raciocínio crítico, mostrando que interpretar o passado envolve estudos, compreensão da narrativa abordada e interesses políticos. Dessa maneira, o canal reforça a noção de que história não é espetáculo, mas um método de análise do mundo.

A importância disso cresce justamente porque o YouTube virou um território em que diferentes canais abordam conteúdos históricos. Quando um canal como o Historiar-se ocupa esse espaço ele amplia a presença pública do historiador e oferece alternativas diante de conteúdos que simplificam, distorcem ou instrumentalizam o passado. A história pode ser comunicada de forma acessível sem renunciar ao método historiográfico, mantendo o diálogo com o público.

A análise proposta neste trabalho busca compreender como o *Historiar-se* constrói uma narrativa histórica para um público diverso, com uma linguagem acessível, o rigor conceitual e um engajamento efetivo. Para isso, foram adotadas abordagens quantitativa e qualitativa, complementares entre si: a primeira voltada à observação dos dados de desempenho, engajamento e alcance das produções do canal; a segunda, direcionada à interpretação dos discursos, temáticas e estratégias de comunicação presentes nos vídeos selecionados.

Para compreender o papel do Historiar-se na divulgação histórica, recorri a autores que problematizam a plataforma YouTube e a utilizam como fonte de pesquisa na era digital (Silva Neto, 2018; Costa, 2022; Carvalho, 2016; Carneiro, 2018). A primeira pesquisa é a de José Ricardo Neto,¹³ que utiliza o canal Meteoro Brasil como fonte de pesquisa para compreender a divulgação científica. Para o autor, a escolha do YouTube se deve à sua facilidade de acesso, compartilhamento de conteúdo, alcance público e a crescente visibilidade do canal. Além disso, são utilizados dados estatísticos através de sites especializados em mídias sociais para compor sua discussão.

¹² HISTORIAR-SE. Plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriarSe>. Acesso em: 28/11/2025

¹³ NETO, José Ricardo Silva. Alcance da divulgação científica por meio do YouTube: estudo de caso no canal Meteoro Brasil. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, 17 nov. 2018.

Outro trabalho importante é da Ana Cláudia Costa¹⁴, em que analisa o alcance e a importância do canal BiblioUFRN, com foco na descrição dos vídeos postados e no alcance do público. O artigo da Mariela Carvalho¹⁵ propõe uma análise entre dois canais com foco na divulgação científica, realizando um mapeamento da narrativa e a cultura participativa do canal. Por fim, Anita Carneiro¹⁶ seleciona vídeos sobre a ditadura militar para compreender como esse discurso aparece na plataforma do YouTube. Este trabalho possibilita compreender a recepção do público sobre essa temática, tornando-se relevante para esta pesquisa na medida em que analisa objetos semelhantes aos abordados pelo canal Historiar-se, que também produz conteúdos relacionados ao tema.

A opção por combinar essas duas dimensões analíticas se ancora na necessidade de compreender o fenômeno tanto em sua dimensão estrutural, quanto o aspecto simbólico e narrativo do canal. Essa articulação entre a teoria e o método permite observar o Historiar-se enquanto um espaço de prática historiadora. Retomando a ideia descrita por eles sobre o canal, narrar o passado é também um modo de agir e refletir sobre si no mundo.

A etapa quantitativa constituiu na observação e sistematização de dados relativos ao canal, como número de inscritos, visualizações, frequência de postagens e níveis de engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos). Esses elementos permitem dimensionar a recepção do conteúdo e compreender o impacto de suas estratégias comunicacionais e o interesse público pela História.

Já a etapa qualitativa concentrou-se na análise de dois vídeos, escolhidos com base em critérios de relevância temática e representatividade em relação à proposta do canal. Foram observados aspectos como a construção narrativa, o uso da linguagem audiovisual, o posicionamento do narrador-historiador e a forma como o passado é mobilizado para dialogar com questões contemporâneas. Essa abordagem interpretativa

¹⁴ COSTA, Ana Cláudia Nogueira da. Comunicação e Divulgação Científica no YouTube: análise cibernética do canal BiblioUFRN. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciência da Informação. Natal, RN, 2022.

¹⁵ CARVALHO, Mariela Costa. Divulgação Científica no Youtube: Narrativa e Cultura Participativa nos Canais Nerdologia e Peixe Babel. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016

¹⁶ CARNEIRO, Anita Natividade A História YouTubada: A Ditadura Civil-Militar Brasileira no YouTube. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018

visa compreender de que modo o canal articula conhecimento histórico, experiência subjetiva e mediação digital, elementos que configuram o Historiar-se no debate da História Pública Digital.

A escolha do canal Historiar-se como fonte de pesquisa apresenta caráter inovador, uma vez que não identificamos, até o momento, estudos acadêmicos que o tomem como fonte ou *corpus* específico no âmbito da História Pública Digital. Embora o canal integre de forma ativa o espaço de divulgação histórica no YouTube, ele permanece ausente da produção historiográfica dedicada a examinar práticas de divulgações de história em plataformas digitais.

Essa lacuna evidencia a pertinência da presente pesquisa, que se propõe a explorar um objeto ainda não investigado pela área, contribuindo para enriquecimento do repertório analítico e para a compreensão das dinâmicas de produção, mediação e circulação do conhecimento histórico em ambientes digitais. Em razão de sua originalidade, o estudo oferece uma contribuição relevante ao debate contemporâneo sobre autoridade historiadora e práticas de divulgação na esfera digital.

Assim, o percurso metodológico delineado neste trabalho busca não apenas descrever o funcionamento de um produto digital de divulgação histórica, mas situá-lo no debate mais amplo sobre a autoridade e a legitimidade do historiador na era das mídias em rede. Pesquisar a partir da internet é um campo de atuação bastante complexo, uma vez que os registros virtuais são fluídos e repletos de inconsistências, tornando-se um desafio para os pesquisadores, especialmente quando o assunto é o armazenamento dessas fontes.

As narrativas produzidas na era digital devem ser analisadas a partir de uma perspectiva crítica, considerando-se aspectos como a intencionalidade de sua produção, o público-alvo, as plataformas utilizadas e os impactos que essas narrativas exercem sobre a memória coletiva. O historiador, cujo ofício consiste em estudar os sujeitos ao longo do tempo e do espaço, tem incorporado o uso das tecnologias digitais tanto no processo investigativo quanto na mediação com o público, buscando responder às demandas do tempo presente por meio de novas formas de produção e divulgação do conhecimento histórico.

Nesse contexto, a discussão acerca da História Pública torna-se fundamental, uma vez que propõe refletir sobre as formas de produção, circulação e compartilhamento

do conhecimento histórico para além dos espaços acadêmicos tradicionais. A História Pública busca aproximar historiadores e sociedade, ampliando o acesso às interpretações históricas e incentivando a participação do público nos debates sobre o passado. Assim, as plataformas digitais passam a ocupar um papel central nesse processo, possibilitando novas linguagens, formatos e experiências de divulgação histórica, ao mesmo tempo em que levantam debates sobre autoridade, legitimidade e os limites entre produção acadêmica e consumo de conteúdo histórico nas redes.

A partir desta reflexão, dividimos a dissertação em três seções. A primeira seção intitulada “*As conexões entre a história e internet: novos espaços de produção e circulação do saber histórico*” tem como objetivo compreender de que forma o surgimento da internet vem impactando o ofício dos historiadores. O desenvolvimento da História Pública Digital tem possibilitado a produção e divulgação dos conteúdos de forma autônoma, sem a necessidade de grandes aportes financeiros, alcançando um público mais amplo.

Na segunda seção “O historiador na esfera digital: os desafios da divulgação histórica online”, iremos realizar uma análise geral do Historiar-se de forma a interpretar as dinâmicas envolvidas na divulgação de história na plataforma YouTube. Os vídeos produzidos pelo canal concentram-se na explicação e problematização de temas históricos a partir de uma perspectiva analítica, com ênfase na contextualização, no debate historiográfico e na crítica às narrativas. Uma característica recorrente é a preocupação em contrapor as versões que circulam pela internet sobre o passado com referências acadêmicas, ao mesmo tempo em que tradução dessa bibliografia para um público não especializado. Assim, os vídeos operam como mediação entre produção historiográfica e circulação de saber histórico nas plataformas digitais, articulando rigor narrativo com linguagem acessível.

Na seção três, “A proposta de análise histórica vinculada ao canal historiar-se”, realiza-se uma análise aprofundada do conteúdo produzido pelo canal Historiar-se, buscando compreender de que maneira suas narrativas, escolhas temáticas e estratégias discursivas se articulam às discussões contemporâneas sobre História Pública Digital. A investigação concentra-se na estrutura argumentativa dos vídeos, no uso de referências bibliográficas, na forma de apresentação dos debates historiográficos e na maneira como o canal constrói sua autoridade perante o público. Além disso, examinam-se os enquadramentos adotados para interpretar eventos históricos, e a presença de elementos

próprios da cultura digital que moldam a recepção do conteúdo. A análise permite identificar padrões, continuidades e tensões internas do material, evidenciando como o canal opera simultaneamente como espaço de divulgação, mediação e disputa pela legitimidade do discurso histórico no ambiente do YouTube.

Neste sentido, nosso trabalho estabeleceu o diálogo entre a História Pública Digital e a divulgação de história através dos vídeos produzidos pelo canal Historiar-se e que circulam nas mídias digitais, no caso o YouTube. Nesse ambiente, a divulgação de história transforma-se em prática social ativa, na qual historiadores disputam sentidos, legitimidades e modos de narrar o passado diante de audiências amplas e heterogêneas.

O canal Historiar-se atua nesse cenário como um agente relevante, articulando rigor historiográfico, linguagem acessível e uso estratégico dos recursos digitais para apresentar interpretações e debates da área. Sua atuação evidencia como a História Pública-Digital não apenas amplia a circulação do saber histórico, mas também reconfigura a relação entre especialistas, público e memória coletiva, tornando-se um espaço de disputa simbólica e de renovação das formas de participação no discurso histórico.

SEÇÃO 1 – AS CONEXÕES ENTRE HISTÓRIA E INTERNET: NOVOS ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER HISTÓRICO

Para tratarmos do fenômeno das redes sociais, é preciso entender o surgimento das possíveis conexões entre a História e a Internet, considerando os impactos significativos que as tecnologias digitais têm provocado na vida pública e privada da sociedade contemporânea. Parte-se da constatação de que a internet tem introduzido novas formas de produção, circulação e acesso ao conhecimento, o que repercute diretamente na prática historiográfica. Nesse sentido, procura-se compreender de que maneira a internet tem gerado novos tipos de documentos e fontes digitais para o trabalho do historiador, bem como os desafios metodológicos e epistemológicos que essas mídias impõem à disciplina histórica.

A divulgação científica passou a encontrar na internet um ambiente favorável para alcançar públicos diversos, explorando recursos digitais variados e múltiplas formas de transmissão. A acessibilidade das plataformas online permitiu que o conhecimento científico circulasse de maneira mais ampla, extrapolando os limites acadêmicos. Importante destacar que esses processos não se restringem aos cientistas: técnicos, estudantes e entusiastas também passaram a ocupar este espaço, produzindo conteúdos com uma linguagem mais acessível e menos pronunciada por jargões especializados. Essa aproximação discursiva com o público leigo tem ampliado significativamente o alcance e a popularização das ciências.

A partir da década de 2000, vivenciamos uma nova fase da experiência humana, comumente denominada “Era Digital”¹⁷. Esse período histórico caracteriza-se pela crescente incorporação de softwares e das diversas tecnologias digitais no cotidiano social, transformando profundamente as formas de comunicação, produção e circulação das informações. Por isso, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) vêm gerando uma série de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Entretanto, é importante ressaltar que as TICs não promovem transformações de maneira isolada. Elas se inserem em um contexto histórico mais amplo, marcado pelas mudanças próprias da História do Tempo Presente, o que evidencia seu caráter não neutro.

¹⁷ LUCCHESI, Anita. *Digital history e Storiografia digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* / Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014 p. 24

Afinal, são produzidas, apropriadas e utilizadas por sujeitos, de acordo com interesses, valores e disputas ideológicas.

Exemplos disso, podemos citar as mobilizações como a Primavera Árabe¹⁸, as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil¹⁹ e movimentos articulados por meio de hashtags, como *#BlackLivesMatter*²⁰ e *#EleNão*²¹, evidenciam o uso desses ambientes digitais para organização de protestos, circulação de informações e disputa de narrativas sobre acontecimentos em curso. No YouTube, essas manifestações se expressam por meio da produção de vídeos de denúncias, transmissões ao vivo, análises críticas e conteúdo de divulgações históricas, permitindo que diferentes sujeitos sociais intervenham publicamente na construção de sentidos sobre o presente. Nesse contexto, as plataformas digitais tornam-se fontes, objetos e espaços de atuação para o historiador do tempo presente, ao mesmo tempo em que revelam as tensões entre memória, política e autoridade na produção de narrativas históricas em tempo real.

Estes são alguns exemplos, de como a Internet e suas tecnologias têm alterado as formas de se comunicar e relacionar da sociedade. Para compreendermos melhor essa relação é importante fazermos um breve resumo sobre o contexto histórico de criação da Internet. Em agosto de 1962, o Instituto de Massachussets foi o primeiro a expor os usos da rede de computadores em escala internacional. O contexto histórico da época com o lançamento do satélite Sputnik pela URSS, em 1957, provocou grande repercussão mundial e gerou, nos Estados Unidos, a percepção de perda da liderança na corrida espacial.

¹⁸ A Primavera Árabe foram protestos populares que se espalharam pelas nações árabes entre os anos de 2010 e 2013. A Primavera Árabe se iniciou na Tunísia. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/primavera-arabe.htm>. Acesso em: 28/01/2026

¹⁹ As Jornadas de Junho foram uma série de mobilizações de massa ocorridas simultaneamente em mais de quinhentas cidades do Brasil no ano de 2013. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/69754>. Acesso em: 28/01/2026

²⁰ Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) é um movimento internacional ativista fundado em 2013 nos EUA, criado após a absolvição do assassino de Trayvon Martin, focado em combater a violência, o racismo sistêmico e a brutalidade policial contra a comunidade negra. Tornou-se um movimento global, com destaque após a morte de George Floyd em 2020. Disponível em: <https://library.law.howard.edu/civilrightshistory/BLM#:~:text=O%20Black%20Lives%20Matter%20com,e%C3%A7ou,melhorias%20imediatas%20em%20nossas%20vidas.%22>. Acesso em: 28/01/2026

²¹ O *#EleNão* foi um movimento social e uma campanha de protesto massiva, iniciada por mulheres nas redes sociais e estendida às ruas, em setembro de 2018. Focado na oposição à candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, o movimento denunciou machismo, misoginia, homofobia e riscos à democracia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 28/01/2026

Nesse contexto, projetos universitários nos Estados Unidos passaram a ser financiados segundo interesses militares. Diante do temor de um ataque nuclear, a ARPA²² financiou a RAND²³ para pesquisas sobre redes de comunicação entre computadores, posteriormente encaminhadas à Força Aérea. O objetivo era garantir a comunicação e o controle das bases militares após um ataque nuclear, questão central enfrentada por Paul Baran, então ligado à RAND.

A proposta de Paul Baran, ao defender uma rede distribuída e resistente a falhas, foi fundamental para o desenvolvimento das bases técnicas da internet. Inicialmente vinculadas a interesses militares, essas pesquisas passaram, ao longo das décadas seguintes, a serem apropriadas por universidades e centros de pesquisa, ampliando seu uso para fins acadêmicos e científicos. Esse deslocamento do âmbito estritamente militar para o civil, contribuiu para a consolidação da internet como uma rede de comunicação global, marcada pela descentralização, pela circulação ampliada de informações e pela participação de múltiplos atores sociais.

Durante a década de 1960, diversos projetos universitários voltaram-se ao aprimoramento da comunicação entre computadores, culminando na criação da ARPANET, financiada pelo Pentágono. Posteriormente, avançou-se no desenvolvimento de protocolos que estabeleceram padrões de comunicação entre sistemas e softwares distintos. Em 1983, a internet consolidou-se como uma rede de interconexão entre diferentes sistemas, expandindo-se posteriormente para uma infraestrutura global de comunicação.

Esse processo favoreceu o surgimento de novas formas de interação, produção e circulação de informações, abrindo caminho para o desenvolvimento das chamadas plataformas digitais. A partir dos anos 2000, a internet passou por novas transformações, sendo caracterizada como Web 2.0, marcada pela participação ativa dos usuários na produção e circulação de informações, impulsionada pelo desenvolvimento das redes sociais, como Facebook, Twitter, YouTube e blogs, emergem como desdobramentos

²² A Agência de Projetos de Investigação avançada mudou seu nome em 197 para Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA). Em 1993, voltou a se chamar ARPA, e em 1996 DARPA. Suas atividades atuais podem ser vistas em <http://www.darpa.mil>. Acesso em: 28/01/2026

²³ RAND: Empresa criada pela construtora de aviões Douglas, a qual em 1948 já havia proposta a construção de satélites artificiais. Sua história pode ser acessada em <https://www.rand.org/>. Acesso em: 28/01/2026

diretos dessa expansão, configurando-se como arenas centrais de comunicação, sociabilidade e disputa de narrativas no tempo presente.

[...]Web 2.0: Termo utilizado para designar a segunda geração da World Wide Web, mais focada na interatividade e no compartilhamento de informação entre usuários. Por conta disso, marcam o surgimento da Web 2.0 os blogs, as wikis e as redes sociais, bem como uma mudança significativa dos modelos de websites que se “repaginaram” para dar conta desta nova vocação, passando a apresentar botões de compartilhamento instantâneo, assinatura de conteúdo, espaços para comentários e conteúdo mais dinâmicos[...]²⁴

A ampliação do acesso a arquivos digitalizados e bases de dados, proporcionada pela Web 2.0, contribuiu de forma decisiva para o fortalecimento da História Digital, ao democratizar o acesso às fontes e aos trabalhos acadêmicos. No entanto, esse processo também impõe novos desafios metodológicos ao historiador, como a seleção crítica das fontes, a avaliação de sua autenticidade e a compreensão dos contextos de produção e circulação dos documentos no ambiente digital. Assim, a pesquisa histórica na contemporaneidade exige não apenas domínio técnico, mas também uma postura crítica diante das mediações tecnológicas que atravessam o fazer historiográfico no tempo presente.

O filósofo Pierre Lévy²⁵ propõe o conceito de cibercultura como uma chave interpretativa para compreender as transformações comunicacionais em curso. Para Lévy, a cibercultura é o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Este, por sua vez, é compreendido pelo autor como um meio de comunicação inédito, resultante da interconexão de computadores, no qual circulam e se armazenam informações acessíveis à navegação dos sujeitos.

A conferência intitulada “A História na Era Google” realizada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg em 2010²⁶, na cidade de Porto Alegre (RS), abordou as principais transformações provocadas pelas novas tecnologias digitais na prática historiográfica, no acesso à informação e na produção do conhecimento. Uma das questões centrais em sua argumentação é o impacto da internet diante da produção de conhecimento. Segundo o

²⁴ LUCCHESI, Anita. Digital history e Storiografia digital: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011) /Anita Lucchesi. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, dissertação de mestrado, 2014. p. 39.

²⁵ LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.p.17

²⁶ GINZBURG, Carlo. História na era Google. In: Fronteiras do Pensamento 2010. Porto Alegre: 29 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wSSHNqAbd7E>>. Acesso em: 10/07/2025

historiador, a digitalização de arquivos e o acesso online a bibliotecas e museus ampliaram significativamente o acesso ao conhecimento, democratizando o contato com fontes históricas e culturais.

Contudo, esse processo também suscitou preocupações quanto à superficialidade, à dispersão e ao excesso de informações disponíveis no ambiente digital. No caso específico da ferramenta de buscas do *Google*, ao proporcionar respostas rápidas e acesso imediato a uma diversidade de conteúdos, há o risco de substituição da pesquisa tradicional (pautada em metodologias criteriosas e análises aprofundadas) por práticas mais ágeis, porém menos rigorosas e reflexivas., conforme aparentado por Ginzburg.

Ginzburg destaca a importância da interpretação crítica diante do vasto volume de conteúdo disponível na internet. Para o autor, o historiador não deve ser concebido como um mero “consumidor de conteúdo”, mas como um intérprete das informações, capaz de analisá-las, contextualizá-las e criticá-las a partir de critérios metodológicos e teóricos bem definidos. Além disso, Ginzburg não considera a internet, em si, como um ambiente intrinsecamente democrático, mas sim como potencialmente democrático. Essa potencialidade, segundo ele, depende do domínio da linguagem digital e da compreensão de suas funcionalidades, o que evidencia a necessidade de letramento tecnológico para que o acesso à informação se traduza em efetiva participação crítica e cidadã.

O sociólogo John B. Thompson argumenta que os novos meios de comunicação em massa promoveram profundas transformações nos padrões sociais, nas formas de comunicação, no exercício do poder e nas experiências individuais. Segundo o autor, ocorre uma reconfiguração das noções de espaço e tempo, uma vez que a comunicação deixa de estar restrita a um contexto físico específico, permitindo que indivíduos interajam mesmo estando em diferentes localizações e temporalidades²⁷. Além disso, Thompson destaca que os meios de comunicação exercem um papel central nas sociedades modernas, influenciando significativamente as formas de relacionamento entre os indivíduos e destes com as instituições. Para ele, vivencia-se um processo de “reinvenção da esfera pública”²⁸, no qual os meios de comunicação contribuem para redefinir as estruturas de poder e participar ativamente das transformações sociais.

²⁷ THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

²⁸ *Ibid.*p.258

Portanto, a mídia contemporânea não deve ser compreendida unicamente como um instrumento de informação ou entretenimento, mas como uma força estruturante que atua no controle político e social. Diante desse cenário, torna-se necessário enfrentar os riscos da alienação provocada pelo consumo acrítico de conteúdos digitais. Nesse contexto, é urgente promover uma educação midiática crítica, que capacite os indivíduos a compreender, interpretar e questionar os discursos veiculados na internet, desenvolvendo habilidades de leitura reflexiva e consciência sobre os mecanismos de poder presentes nos meios de comunicação.

Essa nova configuração impõe desafios e possibilidades ao campo da História, seja na forma como os historiadores acessam e interpretam fontes, seja nas maneiras como divulgam o conhecimento histórico. A História Digital, nesse sentido, constitui-se como uma vertente historiográfica que se propõe a refletir criticamente sobre as potencialidades das tecnologias digitais no fazer histórico, ao mesmo tempo em que busca desenvolver metodologias e práticas compatíveis com os novos ambientes comunicacionais.

Ao propor o debate sobre o surgimento da Historiografia Digital, a historiadora Anita Lucchesi apresenta as duas vertentes que tem ajudado a pensar sobre este assunto: a vertente italiana, chamada de Storiografia Digitale, e a americana, Digital History. ao serem estudadas, estas vertentes possibilitam meios para a compreensão dos historiadores com as problemáticas advindas deste contato entre internet e história. A autora destaca que o uso de tecnologias para a prática da história não é algo completamente novo já havia o uso de *softwares* e *hardwares* para auxiliar em suas pesquisas, “ora condicionando o acesso e a manipulação de determinado tipo de fonte (como para os arquivos de áudio daqueles que trabalham com História Oral), ora caracterizando um novo método de pesquisa histórica (como fizeram as “supercalculadoras” da História Quantitativa)²⁹, ocasionando o surgimento da *Digital Humanities* na Inglaterra no final do XX.

O surgimento da *Digital History*, nos Estados Unidos, na década de 1990, destacou-se especialmente pelas iniciativas desenvolvidas no *Center for History and New Media* (CHNM), da Universidade George Mason, que se consolidou como um dos principais polos de inovação na aplicação de tecnologias digitais voltadas à preservação e à disseminação do conhecimento histórico. Segundo Lucchesi, tais projetos tinham

²⁹ LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.p.6

como objetivo democratizar o acesso às fontes e ao discurso historiográfico por meio das novas mídias, favorecendo uma maior interação entre historiadores, estudantes e o público em geral.

Um dos marcos importantes da trajetória da *Digital History* foi o lançamento da obra *Digital History: Gathering, Preserving and Presenting the Past on the Web*, publicada em 2005 e coordenada por Roy Rosenzweig e Daniel J. Cohen, disponível gratuitamente em formato digital³⁰. A obra consiste em um guia abrangente para a realização de projetos de história digital, abordando todas as etapas do processo, desde o planejamento até a divulgação e preservação do conteúdo histórico. Como observam Cohen e Rosenzweig, o guia destaca vantagens significativas do meio digital, como a ampliação da capacidade de armazenamento, a acessibilidade, a digitalização de fontes, as possibilidades de interatividade, a hipertextualidade e o alcance ampliado do público. Por outro lado, os autores também chamam atenção para as desvantagens, como o excesso de informações, os desafios relacionados à durabilidade dos arquivos digitais e os riscos de obsolescência tecnológica.

Para os autores, ao tornarmos uma ampla variedade de conhecimento e fontes disponíveis para um público amplo, proporcionada pela *Web*, estabelecemos uma transformação significativa na forma como consumimos o conhecimento. A abertura de bibliotecas, arquivos e museus ao público online, não apenas duplica em um primeiro momento o volume de fontes por meio das cópias digitais, mas também altera substancialmente a experiência de acesso e fruição dessas informações. A experiência estadunidense evidencia uma abordagem pragmática e aplicada, centrada em ferramentas acessíveis e na formação de comunidades de prática em torno da história digital.

A *Storiografia Digitale* italiana tem origem nas proposições do professor Rolando Minutti³¹, especialista em História Moderna do Departamento de Estudos Históricos e Geográficos da *Università degli Studi di Firenze*. Em 2001, Minutti publica *Internet e il mestiere di storico – Riflessioni sulle incertezze di una mutazione*, obra em que problematiza as incertezas e possibilidades enfrentadas pelos historiadores diante da chamada revolução digital. Suas reflexões geraram ampla repercussão entre estudiosos

³⁰ COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. *Digital history: gathering, preserving, and presenting the past on the Web*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>. Acesso em: 10/072025.

³¹ MINUTTI, Rolando. *Internet e il mestiere di storico: riflessioni sulle incertezze di una mutazione*. Firenze: La Nuova Italia, 2001.

italianos e estrangeiros, sendo retomadas em publicações posteriores, como o volume *La Storiografia Digitale* (2004), organizado por Dario Ragazzini³², no qual diversos historiadores e pesquisadores de áreas afins aprofundam o debate sobre o uso da internet nas práticas historiográficas. Segundo Luchesi³³, esses trabalhos não oferecem resultados conclusivos, refletindo justamente o caráter ainda exploratório do tema, mas evidenciam importantes expectativas em relação às transformações no campo historiográfico suscitadas pelas tecnologias digitais.

Pesquisadores italianos observaram que não apenas historiadores têm utilizado a Web como meio de divulgação de seus trabalhos, mas também o público em geral passou a produzir conteúdo históricos de forma autônoma, contribuindo para a ampliação e a diversificação das narrativas sobre o passado. O historiador italiano Antonino Criscione³⁴ é um dos principais defensores da ideia de que o hipertexto representa um verdadeiro "salto historiográfico". Segundo ele, o ambiente digital rompe com a linearidade tradicional da narrativa histórica ao permitir múltiplas conexões, entradas e percursos interpretativos.

A presença desses dois caminhos historiográficos (a *Digital History*, desenvolvida e a *Storiografia Digitale*) evidencia um movimento comum de renovação metodológica e epistemológica no interior da disciplina histórica. Ambos os enfoques tomam a internet e as tecnologias digitais não apenas como ferramentas auxiliares, mas também como objetos legítimos de investigação. Como pondera Lucchesi, trata-se do “surgimento de um novo campo de estudo, de uma nova área do saber no interior da história: a pesquisa e a formação em historiografia digital”, donde decorre nossa tomada da relação entre História e Internet como um ‘novo problema’ para a nossa disciplina.”³⁵ Essa perspectiva amplia o escopo da pesquisa histórica e convida os historiadores a refletirem sobre as transformações nas formas de produção, circulação e recepção do conhecimento histórico na era digital.

³² RAGAZZINI, Dario (Org.). *La storiografia digitale*. Milano: FrancoAngeli, 2004.

³³ LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.p.8

³⁴ CRISCIONE, Antonino. *Il salto storiografico. La scrittura della storia nell'era digitale*. Roma: Donzelli Editore, 2015.

³⁵ LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.p.5

Mas, afinal, o que seria a historiografia digital? Conforme o historiador francês Serge Noiret³⁶, atuante na *Associazione Italiana per la Public History* e membro do grupo italiano de estudos digitais, a historiografia digital refere-se a um campo que integra a produção, difusão e ensino da história mediada pelas tecnologias digitais, com ênfase na interdisciplinaridade entre a história, as ciências da computação e os estudos sobre memória e narrativa. Ela se caracteriza, sobretudo, pela transformação da prática historiográfica por meio de novas linguagens, suportes, formas de circulação e interação com o público.

Como afirmam Pereira e Mata, vivemos sob a lógica da “historicização imediata da era digital”, marcada por respostas rápidas e pela constante atualização de informações, o que redefine profundamente as relações sociais, produtivas e subjetivas. Nesse contexto, o presenteísmo configura-se como uma característica dominante do tempo histórico contemporâneo, no qual o presente passa a subsumir todas as demais dimensões temporais. Trata-se de um momento em que, como apontam os autores, vivenciamos “uma história eclipsada pela memória, em que o passado é mais sedutor que a própria história”³⁷

Reinhart Koselleck³⁸ introduz as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” para pensar a temporalidade histórica. Para ele, a modernidade intensificou a separação entre passado e futuro, criando um abismo entre a experiência herdada e as promessas projetadas. Além disso, Koselleck alerta para a coexistência de múltiplos tempos históricos: diferentes grupos sociais vivenciam o tempo de modos não uniformes. Essa abordagem permite romper com a homogeneização temporal imposta por uma história centrada na Europa Ocidental.

O eurocentrismo presente na historiografia se manifesta também na forma como o tempo é concebido. A rapidez com que eventos europeus são registrados e interpretados historicamente contrasta com a negligência das experiências temporais de outras regiões. Povos indígenas, sociedades africanas e latino-americanas são frequentemente situadas

³⁶ NOIRET, Serge. História Pública Digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015, <http://www.ibict.br/liinc> doi: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>

³⁷ PEREIRA, Marcelo; MATA, Sérgio. A historicização imediata da era digital. Revista História Hoje, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 225–244, 2019. p.230

³⁸ KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

em uma temporalidade “atrasada”. Reconhecer e valorizar essas temporalidades alternativas é essencial para uma compreensão plural e democrática da história.

Ao trazer essa crítica às concepções eurocêntricas de temporalidade, abre-se espaço para compreender que a História Pública enfrenta justamente esse desafio: comunicar-se com públicos que vivem e interpretam o tempo de forma heterogênea. Como aponta Koselleck, não existe uma única experiência temporal, também não existe um único modo de se relacionar com o passado. A História Pública precisa, portanto, reconhecer essas camadas de tempo – indígenas, afro-diaspóricas, populares, acadêmicas, digitais – para que suas narrativas não reproduzam a mesma homogeneização contra a qual a teoria já nos alerta. Isso implica não apenas divulgar pesquisas, mas dialogar com expectativas diversas e múltiplos ritmos de compreensão histórica presentes no espaço público contemporâneo.

No início do século XXI, as transformações impulsionadas pelas tecnologias digitais passaram a provocar novas inquietações entre os profissionais da história, sobretudo aqueles que começaram a explorar essas ferramentas na pesquisa, na escrita e na difusão do saber histórico. Em um primeiro momento, essa apropriação se deu de forma intuitiva, quase artesanal, como se os historiadores manipulassem um novo material sem domínio pleno de suas propriedades. Conforme observa Lucchesi³⁹, os primeiros movimentos no campo da história digital ocorreram como gestos “não plenamente conscientes”, nos quais o uso da tecnologia precedeu a reflexão epistemológica mais aprofundada.

No contexto das transformações tecnológicas e comunicacionais que marcam o mundo contemporâneo, a internet desponta como instrumento fundamental para a análise das dinâmicas socioculturais e políticas do presente. Apesar de sua fluidez, complexidade estrutural e das dificuldades analíticas que impõe, ela se configura como uma ferramenta singular para a compreensão das questões centrais que atravessam a História do Tempo Presente. Muito além de uma simples inovação midiática, a internet integra um processo mais amplo de reconfiguração social, sendo catalisador das transformações que moldam a sociedade contemporânea. Nesse sentido, analisar os fenômenos históricos atuais a partir da internet revela-se não apenas pertinente, mas necessário, uma vez que essa

³⁹ *Ibid.* p.7

tecnologia constitui uma das expressões mais emblemáticas e estruturantes do nosso tempo histórico.

Contudo, a inserção da internet como campo e ferramenta de análise histórica não ocorre sem tensões metodológicas significativas. O ambiente digital impõe desafios que colocam em xeque práticas consolidadas da pesquisa histórica, como os critérios de seleção e validação das fontes, a definição de autoria e a estabilidade do objeto histórico. A efemeridade dos registros, a constante atualização dos conteúdos e a lógica algorítmica das plataformas de busca dificultam a aplicação de métodos tradicionais de crítica documental e análise contextual.

Além disso, a sobrecarga informacional característica da web exige que o historiador desenvolva novas competências técnicas e epistemológicas para navegar, selecionar, interpretar e preservar materiais em formatos não convencionais. Como observa Noiret, a historiografia digital constitui-se como um campo emergente, caracterizado pela interseção entre história, tecnologia e cultura digital, exigindo um reposicionamento epistemológico do historiador diante de um mundo em transformação⁴⁰.

Diante das discussões apresentadas ao longo desta seção, torna-se necessário aprofundar a compreensão acerca das relações entre a História Pública e o ambiente digital. As transformações tecnológicas e comunicacionais do tempo presente não apenas ampliaram os espaços de circulação do conhecimento histórico, mas também ressignificaram as formas de mediação entre historiadores e públicos. Assim, a seção seguinte tem como objetivo discutir as conexões entre a História Pública e a História Digital, analisando como essas aproximações contribuem para a divulgação do conhecimento histórico e para a consolidação da História Pública Digital enquanto campo de reflexão e prática historiográfica.

SEÇÃO 1.1 – CLIO FORA DOS MUROS: AS INTERCONECÇÕES ENTRE A HISTÓRIA PÚBLICA E A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL

⁴⁰ NOIRET, Serge. História Pública Digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015 <http://www.ibict.br/liinc> doi: <http://dx.doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>.p.30

Há um desafio em estabelecer definições conceituais e das possíveis articulações entre os campos em questão, conforme apontam Lucchesi e Carvalho⁴¹, tanto a História Pública quanto a História Digital possuem historicidades próprias. Compreender os percursos, as inquietações, as possibilidades e as metodologias que constituem cada uma dessas áreas é fundamental para delimitar com clareza os objetos de análise, sobretudo no que se refere ao tratamento das fontes.

Nos Estados Unidos, tivemos um papel ainda mais marcante no desenvolvimento da História Pública. Em 1979 o historiador Robert Kelly, da Universidade da Califórnia, foi o primeiro a utilizá-la, ao fundar a revista acadêmica *The Public Historian* sendo referência até os dias atuais na área. Em seu primeiro volume, Kelly define o que seria a Public History “o trabalho de historiadores e do método histórico fora da academia: no governo, nas empresas privadas, nos meios de comunicação, nas sociedades históricas, museus e até mesmo em espaços particulares.”⁴².

Entre as décadas de 1980 e 1990, a História Pública expandiu em vários países, principalmente de língua inglesa, como Canadá, África do Sul e Nova Zelândia e passou a estabelecer uma relação com outras áreas, como a memória, divulgação científica, patrimônio cultural e a História Oral. Na Austrália, a História Pública ganhou destaque com dois momentos importantes: a criação da revista *Public History Review*, em 1992, pela Associação de Historiadores Profissionais, e a fundação do *Australian Center for Public History*, em 1998, com o objetivo de “promover a prática e o entendimento da História Pública tanto nas universidades quanto nas comunidades”⁴³. Atualmente, existem diversos cursos universitários nessa área pelo mundo, e desde 2009, há uma Federação Internacional de História Pública em atividade.

No Brasil, os debates sobre este campo de atuação ocorreram tardiamente em relação aos Estados Unidos e à Europa. Através do interesse de alguns historiadores, no ano de 2011 realizaram o primeiro evento sobre História Pública no país⁴⁴. Desta forma,

⁴¹ LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. <História digital: reflexões, experiências e perspectivas>. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 150.

⁴² KELLEY, Robert. Public History: Its Origins, Nature, and Prospects. *The Public Historian*, v. 1, n. 1, p. 16–28, 1979.

⁴³ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 35-53, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/25602/18398>. Acesso em: 17/06/2025

⁴⁴ QUINTINO, Stefanie Kathleen de Sousa. A autoridade do historiador na era digital: desafios e possibilidades para a divulgação de História. *Espacialidades*, Natal, v. 1, n. 1, p. 526-540, 2025. Disponível em: *Espacialidades – UFRN*. Acesso em: 10 maio 2026.

ocorreu o primeiro Curso de Introdução à História Pública e, em 2011, o primeiro Simpósio Internacional de História Pública.

Importante ressaltar que naquele ano o cenário político brasileiro iria impactar nesta mobilização dos historiadores públicos, pois foi o ano em que Dilma Rousseff foi eleita a primeira presidenta do país. A então presidenta sancionou a criação da Comissão Nacional da Verdade e a regulamentação da Lei de Acesso à Informação, no mesmo ano, entrando em vigor em 2012. Além disso, houve uma expansão do ensino superior e um crescimento da classe média brasileira. Para o historiador Ricardo Santhiago esse cenário impactou em novas pesquisas.

Nesse contexto, o número de revistas de história nas bancas proliferou em uma velocidade espantosa, tanto quanto os livros de história popular empilhados nas livrarias de aeroportos – um fenômeno ao qual estudiosos dos usos do passado rapidamente responderam, em dissertações, teses e artigos que se debruçaram com vigor sobre um fenômeno novo, que lhes exigiu mobilizar novas fontes, instrumentos de coleta e operadores analíticos. Produtos audiovisuais (documentários, filmes, minisséries televisivas) e digitais (portais, aplicativos, web rádios) vivenciaram o mesmo fenômeno.⁴⁵

No entanto, o autor aponta que estas transformações políticas trouxeram para o debate, o papel público do historiador no país. Ataques à democracia, propagação do revisionismo, polarização dos discursos políticos, desinvestimento no ensino superior e nas pesquisas, desvalorização do ensino básico e o golpe de 2016 “imbuíram a história pública do compromisso de oferecer respostas socialmente relevantes às questões mais vivas do presente.”⁴⁶

Importante ressaltarmos que neste período as discussões em torno da História Pública passaram a ser relacionadas com a ampliação da utilização de computadores e da internet. Portanto, com os avanços da tecnologia na contemporaneidade, é imprescindível pensarmos em novas possibilidades de atuação dos historiadores(as) na internet, seja como fonte de pesquisa, repositório de arquivos digitais ou um novo meio para divulgação de trabalhos historiográficos.

Explorar as potencialidades da Internet é permitir que a História seja inserida nas novas mudanças da sociedade contemporânea. Entendemos que os computadores são parte indispensável nas trocas de informação e comunicação. Cada vez mais, as novas

⁴⁵ SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

⁴⁶ *Apud*.p.327

gerações utilizam este espaço para criação de conteúdo, atraindo muitos usuários, como o YouTube. Portanto, nós, futuros historiadores e historiadoras, devemos ocupar estes ambientes virtuais de modo a contribuir para a divulgação e ampliação da História Pública para um número crescente de pessoas.

Após o curso, houve o lançamento de obras nacionais, como por exemplo o livro “Introdução a História Pública”, organizado pelas historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Rovai⁴⁷. Em um dos capítulos desta obra, Albiere aponta a relação entre a educação e a construção da consciência histórica através da História Pública. Segundo a historiadora, a expressão “história pública” pode ser entendida como o acesso irrestrito ao conhecimento histórico, utilizando como exemplo a abertura para consulta dos arquivos judiciais, militares, dossiês e prontuários, gerando uma enorme efervescência na historiográfica do Brasil contemporâneo.

Vale notar, que nesses casos, a publicação não é de interesse apenas para o trabalho historiográfico, mas, com frequência, é reivindicado em meio à discussão sobre direitos políticos e civis. O interesse histórico mistura-se à agenda de movimentos sociais, e a manifestação desse interesse vem por vezes impregnada das paixões que mobilizam os grupos que reivindicam a publicação.⁴⁸

Devido a esta exclusividade dos historiadores, o público geral ficaria às margens desta discussão ou até mesmo excluído. Portanto a relação entre a divulgação e a academia ainda nos parece hostil. Uma possível justificativa estaria no fato de que alguns julgam a divulgação como algo inferior, dotada de uma linguagem simplista destinada ao grande público. O que na verdade é um equívoco, pois podemos encontrar produções de qualidade, com critérios de análise e crítica, dialogando com a academia e a cultura comum.

Para Albiere, fazer História não deve se limitar a decorar datas e nomes do passado, ou como uma história contemplativa, mas sim, ajudar as pessoas a se entenderem no mundo por meio de suas ações culturais, sociais e intelectuais⁴⁹. Neste sentido, devemos também pensar as influências causadas pelas tecnologias na sociedade, que vem

⁴⁷ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 38, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/25602/18398>. Acesso em: 18/06/2025

⁴⁸ ALBIERE, Sara. <História pública e consciência histórica=. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à história pública. São Paulo : Letra e Voz, 2011, p. 21.

⁴⁹ *Apud*.p.22

impactando a maneira de lidar com a memória e as narrativas sobre o passado, presente e futuro.

Daniel Carvalho Pereira compreende a História Pública não como um campo delimitado, mas como um conjunto de práticas organizadas que articulam a História, seu ensino e o espaço público, considerando dimensões teóricas e metodológicas. Nessa perspectiva, levar a História ao público não se restringe à sua simples divulgação, mas envolve a produção de conhecimento histórico nos próprios espaços públicos, estimulando reflexões e debates para além do ambiente acadêmico⁵⁰.

De forma complementar, Anita Lucchesi ressalta que a História Pública assume diferentes configurações a partir das escolhas metodológicas feitas no processo de pesquisa. Para a autora, essa prática pode ocorrer tanto na produção de conteúdos históricos destinados ao grande público quanto na construção do conhecimento com a participação desse público, desde que haja a presença do historiador e de suas ferramentas analíticas. No contexto das plataformas digitais, como o YouTube, essas discussões evidenciam que a História Pública se constitui como um campo de práticas em disputa e constante definição entre os profissionais que nela atuam⁵¹.

A História Pública vive hoje um momento de grande otimismo, devido as inovações tecnológicas da informação e comunicação, gerando novas possibilidades de pesquisa e campos de atuação. Nela, as pessoas deixam de ser apenas consumidoras e passam a participar ativamente da criação de conteúdos e da comunicação. Por isso, a Web 2.0 não representa apenas um avanço tecnológico, mas também transforma as relações sociais e culturais, criando formas de interação, aprendizado e produção de conhecimento. Segundo o autor “Os consumidores não são mais apenas receptores de conteúdo, eles agora são participantes ativos no processo cultural”⁵².

Mas afinal, qual a relação do público com a divulgação de história? As publicações em anais de eventos podem ser consideradas uma forma de divulgação científica? Essas indagações são recorrentes no campo da História Pública Digital, pois são poucos os historiadores que têm se dedicado a divulgar o resultado do seu próprio

⁵⁰ PEREIRA, Daniel Carvalho. “O conhecimento histórico sob a perspectiva da Didática da História Pública”. *Transversos: Revista de História*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 239-257, dez. 2017. Disponível em: Transversos: Revista de História. Acesso em: 10 maio 2026.

⁵¹ LUCCHESI, Anita. “Conversas na ante-sala da Academia: o presente, a oralidade e a História Pública Digital”. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 39-69, jan./jun. 2014. Disponível em: [História Oral](#). Acesso em: 10 maio 2026.

⁵² JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.p.25

trabalho para uma grande audiência. Sobre a segunda indagação, a resposta é positiva, apesar destes trabalhos muitas vezes ficarem restritos à comunidade de historiadores.

Não que isso não seja importante, a troca de conhecimento entre seus pares, mas para que a História conquiste um público amplo, a forma como está comunicação vem sendo feita necessita de novas abordagens que aproximem o público do conhecimento histórico, além de permitir a participação de pesquisadores e não pesquisadores.

Carvalho menciona que desde o século XIX, quando a disciplina de História estava sendo institucionalizada, já havia uma certa desconfiança em relação à popularidade da disciplina, pois acreditavam que isso levaria à “vulgarização” do conhecimento⁵³. Já no século XX, com o avanço das tecnologias, não houve um grande projeto por parte da academia para o grande público. Em suma, a participação dos historiadores ocasionou uma dependência da imprensa e do mercado editorial, que capitaneavam seus projetos na imprensa ou no mercado editorial, que capitaneavam seus projetos.

O engajamento acadêmico de História com o grande público no Brasil não foi maior por uma incapacidade da área em falar com o grande público, mas porque a divulgação da História, a partir de uma perspectiva de divulgação científica para o público geral, raramente foi pensada estrategicamente ou como projeto de longo prazo.⁵⁴

Um dos principais desafios enfrentados refere-se à consagração da autoridade historiográfica. A *web 2.0* possibilitou que diferentes agentes sociais (influenciadores digitais) produzam narrativas históricas que, mesmo sem rigor acadêmico, alcancem grande audiência e influência. A pesquisa ou vinculação institucional não garantem prestígio e credibilidade na internet. No meio digital, depende se o divulgador dominar a nova linguagem, possui recursos financeiros e o entendimento sobre a capacidade de alcançar grandes audiências, medida pelo número de curtidas, compartilhamento, visualizações e outras interações.

Essa nova forma de produção de conteúdo faz com que o historiador precise disputar a legitimidade de sua prática, em espaços que o rigor metodológico não tem o seu devido reconhecimento. Outro aspecto importante é a adequação da linguagem para o ambiente digital. A escrita acadêmica, voltada para os seus pares, encontra limites quando o objetivo é comunicar-se com públicos amplos e não especializados. A História

⁵³ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Os lugares do historiador-divulgador. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (org.). História Pública e divulgação de história. São Paulo: Letra e Voz, 2019.p.12

⁵⁴ *Ibid.*p.14

Pública demanda de novas formas de mediação – como vídeos, podcasts, infográficos e redes sociais – exigindo que os historiadores dominem novas estratégias comunicais que não são contempladas em sua formação.

Sobre esse aspecto do financiamento, percebo com clareza quando analisamos a fonte: nos primeiros levantamentos que fiz, percebi que muitos canais no *YouTube* mantêm suas atividades devido a financiamentos coletivos ou patrocinadores. Os historiadores que atuam nesse meio usam estratégias de comunicação diretas e envolventes, frases curtas e claras, metáforas que ajudam na explicação do conteúdo, recursos visuais, analogias e elementos da cultura popular.

Ao entendermos que as ferramentas digitais podem ser usadas na História, nos deparamos com diversos desafios e problemáticas. Não se trata apenas de os historiadores dominarem esse campo de divulgação, mas também de desenvolverem sensibilidade para lidar com o público e assumirem um compromisso democrático com a circulação do conhecimento histórico. Além disso, torna-se necessário propor metodologias capazes de lidar com as fontes digitais, produzidas e compartilhadas de maneira rápida na internet, considerando suas especificidades, formas de preservação, circulação, autoria e os impactos que exercem na construção das narrativas históricas contemporâneas. Já Cohen e Rosenweing⁵⁵ apontam os aspectos que envolvem a confiabilidade da informação, a qualidade do conteúdo produzido e o comportamento passivo de muitos usuários diante das informações.

Diante a grande quantidade de dados publicados e a forma como esses conteúdos são disseminados no ambiente digital, a historiografia passa a enfrentar enormes desafios. É preciso lidar com os desafios da desinformação histórica, o crescimento de narrativas negacionistas nas redes sociais e a lógica dos algoritmos que favorecem conteúdos sensacionalistas. Portanto está “virada digital” demanda uma reinterpretação de nossos métodos profissionais, como afirma Noiret⁵⁶.

Conforme exposto até aqui, ainda fica a dúvida se a junção entre a História Pública e a História Digital é um caminho possível diante de tantas adversidades. Entretanto é possível notar um elo de convergência nestes dois campos: a divulgação científica. De um lado temos a História Pública buscando representar o passado e

⁵⁵ COHEN; ROSENZWEIG. Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 10/07/2025.

⁵⁶, NOIRET, Serge. História Pública Digital. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015. p.29

promover a circulação deste conhecimento ao público geral e do outro a História Digital que oferece ferramentas teóricas e metodológicas para o ofício do historiador e contribui para a divulgação. É por meio dessa divulgação do conhecimento histórico que nós podemos colaborar na construção da disseminação de narrativas através dessas mídias digitais. Diante disso, como lidar com o algoritmo presente nestas plataformas que promovem determinados conteúdos em detrimento de outros? Como os historiadores e historiadoras vêm enfrentando esse dilema das redes sociais? A próxima seção busca responder a estas indagações.

SEÇÃO 1.2 – O OFÍCIO DO HISTORIADOR DIANTE DOS ARQUIVOS DIGITAIS

As transformações provocadas pelas tecnologias digitais têm impactado diretamente o ofício do historiador, especialmente no que se refere às práticas de arquivamento, preservação e acesso às fontes históricas. Segundo Lacerda, as transformações digitais atravessam múltiplas relações e contextos da experiência humana⁵⁷, intensificadas no período pandêmico, quando atividades cotidianas passaram a ocorrer majoritariamente em ambientes virtuais. Esse processo demandou adaptações desiguais, uma vez que nem todos os sujeitos vivenciaram tais mudanças da mesma forma.

Além disso, as plataformas digitais precisaram se adaptar para suportar o aumento das interações durante a pandemia; entretanto, o acesso desigual a essas ferramentas evidenciou que as assimetrias sociais e os processos de exclusão não apenas persistem, como também se reproduzem no ambiente digital. Esse cenário reforça a necessidade de refletir criticamente sobre quem produz, quem acessa e quem permanece à margem das dinâmicas digitais⁵⁸.

A exclusão digital não pode ser compreendida apenas como a ausência de acesso a dispositivos ou à internet, mas como um fenômeno mais amplo, relacionado às condições sociais, econômicas e educacionais que limitam a participação plena nos

⁵⁷ LACERDA, Danielle Chistiane Othon. <Transformação digital e História: pensar no passado com tecnologias do presente=. In: BARROS, José D9Assunção. História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, p. 265, 2022.

⁵⁸ *Ibid.*p. 261

ambientes digitais. Assim, ao mesmo tempo em que as plataformas digitais ampliam as possibilidades de circulação do conhecimento histórico, elas também reproduzem hierarquias e silenciamentos já presentes no mundo offline, o que exige do historiador uma postura crítica diante dessas novas dinâmicas.

Apesar das dificuldades e das restrições de acesso, o ambiente digital apresenta elevada capacidade de flexibilização e produtividade. Contudo, tais potencialidades não operam de forma automática ou artificial, uma vez que, como alerta Lacerda, é o ser humano o elemento fundamental para impulsionar e provocar as transformações nesse espaço⁵⁹. Nesse sentido, cabe ao historiador não apenas utilizar as ferramentas digitais, mas refletir criticamente sobre seus usos, limites e implicações, atribuindo sentido histórico às dinâmicas e aos registros produzidos no ambiente digital.

Diante do ambiente digital, o ofício de nós, historiadores e historiadoras, passa a contar com ferramentas que facilitam o trabalho historiográfico, como a agilidade no acesso às fontes. Entretanto, esse mesmo contexto impõe barreiras de ordem metodológica e arquivística. Uma das indagações centrais diz respeito à forma como lidamos com fontes produzidas em redes sociais, marcadas pela constante circulação e renovação de informações. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a agilidade se apresenta como aliada, ela também impõe desafios à seleção, ao arquivamento e à preservação dessas fontes.

Os documentos nascidos digitalmente são produzidos para consumo imediato e permanecem armazenados em plataformas privadas, o que fragiliza sua materialidade e preservação. Ainda que existam recursos de salvamento, a preservação digital segue como um desafio, pois, segundo Margaret Hedstrom, não há métodos plenamente aceitos para conservar objetos digitais complexos que integrem textos, imagens e áudios⁶⁰. Então, a dúvida que surge é como realizar o arquivamento das fontes digitais?

Segundo Jacques Derrida⁶¹, os arquivos são moldados por dimensões *topológicas e nomológicas*, sofrendo influência do espaço e das instâncias que os

⁵⁹ *Ibid.* p. 162

⁶⁰ HEDSTROM, Margaret. *It's About Time: Research Challenges in Digital Archiving and Long-Term Preservation* (Washington, DC: National Science Foundation and the Library of Congress, 2003), 8 apud COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. <Preservando a História Digital - A fragilidade dos materiais digitais>. *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/preserving/index.html>. Acesso em: 28/01/2026.

⁶¹ DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,

administram. Nessa perspectiva, Pedro Silveira, ressalta que a organização dos arquivos condiciona os processos de registro e catalogação, de modo que nem tudo se torna arquivo e nem todo acervo é preservado a longo prazo, pois isso depende de interesses e disputas em torno da memória⁶².

Nem tudo se transforma em arquivo, nem todo conteúdo é preservado a longo prazo, pois sua permanência depende de interesses, demandas e disputas em torno da memória. No ambiente digital, essa lógica se intensifica, uma vez que as produções históricas publicadas em plataformas como o YouTube estão sujeitas a critérios técnicos, econômicos e institucionais definidos por empresas privadas. Assim, não se pode exigir a preservação integral dessas produções, já que, tal como ocorre com os arquivos físicos, os arquivos digitais também passam por recortes e seleções que condicionam sua existência e acesso futuro.

Ao analisar o ofício do historiador diante das fontes digitais, é fundamental reconhecer a prática dos recortes, compartilhada tanto por arquivistas quanto por historiadores. O trabalho com fontes nascidas no meio digital já constitui um recorte metodológico e, diante da diversidade de mídias possíveis, este estudo opta por delimitar sua análise ao YouTube.

A catalogação da produção do canal Historiar-se constitui uma etapa fundamental desta pesquisa, uma vez que possibilita a organização sistemática das fontes digitais analisadas. Os vídeos foram selecionados a partir de critérios previamente definidos, considerando aspectos como temática, data de publicação, formato, duração e abordagem historiográfica. Esse processo de catalogação permitiu a construção de um arquivo digital próprio, que viabiliza não apenas o acesso e a preservação das fontes durante a pesquisa, mas também sua posterior categorização e análise, evidenciando padrões, recorrências e estratégias de divulgação histórica adotadas pelo canal.

Além do papel de historiadora-arquivista, o trabalho exige também a atuação como historiadora-internauta, isto é, conhecedora das dinâmicas do ambiente digital.

2001, p. 13 apud SILVEIRA, Pedro Telles da. <Capítulo 2: Arquivo=. In: SILVEIRA, Pedro Telles da. O gosto do arquivo (digital) 3 Documento, arquivo e eventos históricos a partir do September 11th Digital Archive (2002 3 2013). Dissertação (Monografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013, p. 32.

⁶²SILVEIRA, op. cit. pp. 29-34.

Conforme aponta Barros⁶³, a análise de fontes virtuais demanda compreender a origem das produções, os suportes em que estão inseridas, seus objetivos, transformações ao longo do tempo, alcance de público e possibilidades de interação. Essas questões orientam as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes, iniciando-se por uma abordagem quantitativa das fontes estudadas.

Sites são retirados do ar sem um aviso prévio ou conteúdos que acabam sendo excluídos pelos produtores. Segundo Fábio Almeida “o pesquisador do Tempo Presente tem acesso exclusivo a esse material, pois ele só é acessível em uma restrita janela temporal. Como se estivesse em um trabalho de “arqueologia de salvamento”, o historiador torna-se responsável pela análise e pela preservação da informação”⁶⁴.

Para o andamento da pesquisa foi criado um arquivo digital, a fim de que todas as informações sobre as fontes possam ser acessadas e analisadas posteriormente. Os vídeos, tabelas, comentários, imagens foram salvos em um arquivo Word (docx) e armazenados no *Drive* com uma conta criada a partir do e-mail UFU. Outro suporte de armazenamento que será utilizado é o Internet Archive, um site sem fins lucrativos que funciona como uma biblioteca digital.

Segundo Fábio Almeida⁶⁵ a efemeridade da internet torna a preservação de documentos digitais uma responsabilidade dos historiadores. Muitos sites acabam sendo excluídos sem aviso, resultando na perda de informações valiosas. De acordo com o autor, historiadores devem atuar como “arqueólogos de salvamento” para preservar e analisar informações digitais. Além disso, o autor apresenta uma definição do que poderia ser considerado documento digital.

Dessa forma, e tentando construir um conceito o mais simples possível, podemos considerar que “documento digital” é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma

⁶³ BARROS, José D9Assunção. <Capítulo 1: Revolução digital, sociedade digital e História=. In: BARROS, José D9 Assunção. História Digital: a historiografia diante de recursos e demandas de um novo tempo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022, p. 84.

⁶⁴ ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Aedos, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan./jun. 2011. Disponível em: UFRGS - Aedos
. Acesso em: 10 maio 2026.

⁶⁵ DE ALMEIDA, Fábio Chang. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. Revista Aedos, [S. l.], v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 20 ago. 2025.p.16

máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador⁶⁶.

Concordamos com a definição do autor, pois o documento é o registro da expressão humana ao longo do tempo, em suas mais variadas manifestações, independente do suporte material. A partir disso, é possível elaborar os critérios para seleção de fontes digitais, sendo essencial a verificação da autoria do documento e a veracidade de suas informações, pois algumas informações são retiradas do contexto original e reproduzidas sem qualidade com erros grosseiros.

Trabalhar com fontes e as incertezas não é nenhuma novidade para o historiador. As fontes “tradicionais” não são mais confiáveis que as fontes digitais. Uma fotografia ou um depoimento oral pode ser modificado e conter informações fraudulentas. A experiência do historiador e a utilização do método de análise de fontes, são cruciais na seleção de fontes confiáveis e o cruzamento com outros dados também colaboram na validação das informações.

As reflexões acerca do ofício do historiador e do arquivamento das fontes digitais evidenciam que a prática historiográfica contemporânea é atravessada por novos desafios relacionados à produção, preservação e organização dos registros do tempo presente. A instabilidade das plataformas, a lógica das empresas privadas e a efemeridade dos conteúdos digitais impõem limites e questionamentos ao trabalho histórico, ao mesmo tempo em que ampliam suas possibilidades de atuação. Nesse contexto, compreender tais transformações torna-se fundamental para avançar na análise dos desafios que envolvem a divulgação do conhecimento histórico em ambientes digitais, tema que será desenvolvido na seção seguinte.

SEÇÃO 2 — O HISTORIADOR NA ESFERA DIGITAL: OS DESAFIOS DA DIVULGAÇÃO HISTÓRICA ONLINE

A teoria da história produz um conhecimento reflexivo sobre a própria ciência histórica, que pode ser compreendido a partir de diferentes dimensões, entre elas a

⁶⁶ ALMEIDA, Fábio Chang de. *O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas*. Revista Aedos, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jan./jun. 2011. Disponível em: [Revista Aedos UFRGS](#). Acesso em: 10 maio 2026.

transdisciplinar. Essa dimensão busca relacionar o pensamento histórico científico com a vida prática das pessoas. Nesse sentido, a questão central está no papel do conhecimento histórico como orientador da vida cultural humana. A História é entendida, assim, como fundamental para a orientação da experiência humana, já que os indivíduos recorrem constantemente ao passado para compreender o presente e pensar o futuro.

Para Jörn Rüsen⁶⁷, a consciência histórica diz respeito à forma como os seres humanos se orientam no tempo. Diante das experiências e mudanças da vida, as pessoas sentem a necessidade de compreender o que acontece ao seu redor e, para isso, recorrem ao passado em busca de referências. Esse processo envolve diferentes momentos: a percepção de uma ruptura ou problema (contingência), a interpretação dos acontecimentos, a atribuição de sentido a eles e, por fim, a orientação das ações no presente e no futuro.

Os conteúdos históricos divulgados em plataformas digitais, como o YouTube, podem ser compreendidos como espaços de mobilização da consciência histórica. Ao apresentar narrativas sobre o passado de forma acessível e conectada a questões do presente, esses canais respondem a situações de contingência vivenciadas pelo público, oferecendo interpretações e atribuindo sentidos aos acontecimentos históricos. Assim, a divulgação histórica no ambiente digital contribui para a orientação temporal dos sujeitos, auxiliando-os a compreender o presente e a refletir sobre possibilidades de futuro, em consonância com a concepção de consciência histórica proposta por Jörn Rüsen⁶⁸.

Nesse sentido, é importante distinguir pensamento histórico de conhecimento histórico. A orientação no tempo pode ocorrer apenas por meio do pensamento histórico, que consiste na interpretação do passado a partir das experiências individuais. Essas experiências são atravessadas pela cultura em que cada sujeito está inserido, o que explica a existência de diferentes interpretações sobre os mesmos acontecimentos. O conhecimento histórico, por sua vez, diz respeito às narrativas construídas com base em métodos e critérios da ciência histórica, sendo reconhecidas e validadas no campo acadêmico. Assim, embora todos os indivíduos pensem historicamente, é o historiador

⁶⁷ RÜSEN, Jörn. Teoria da história: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015.p.37

⁶⁸ *Ibid.*p.40

quem possui a formação necessária para transformar interpretações em conhecimento histórico legitimado.⁶⁹

No ambiente digital, especialmente em plataformas como o YouTube, essa distinção entre pensamento histórico e conhecimento histórico torna-se mais complexa. A plataforma possibilita que diferentes sujeitos compartilhem interpretações sobre o passado, mobilizando experiências pessoais, referências culturais e interesses diversos, o que amplia a circulação do pensamento histórico. No entanto, nem todas essas narrativas se configuram como conhecimento histórico, uma vez que muitas não passam pelos critérios metodológicos e de validação da ciência histórica.

O papel do historiador ganha novos contornos, pois sua autoridade deixa de estar restrita ao espaço acadêmico e passa a ser constantemente tensionada pela presença de múltiplas vozes e interpretações no ambiente digital. O canal Historiar-se pode ser compreendido como um exemplo de mediação entre o pensamento histórico amplamente difundido no ambiente digital e o conhecimento histórico produzido no campo acadêmico. Ao abordar temas históricos a partir de pesquisas, referências bibliográficas e do domínio de métodos próprios da ciência histórica, o canal se distancia de interpretações meramente opinativas, ao mesmo tempo em que adota uma linguagem acessível e adequada ao público do YouTube.

Dessa forma, o Historiar-se contribui para a circulação do conhecimento histórico na esfera digital, reafirmando a autoridade do historiador sem renunciar ao diálogo com as dinâmicas participativas da plataforma. A historiadora Anita Lucchesi observa que, embora estejamos imersos em uma "revolução dos meios digitais", ainda não desenvolvemos competências críticas suficientes para lidar com o volume e a complexidade das informações disponíveis⁷⁰. A reflexão proposta pela autora evidencia os desafios impostos pela internet e convida o campo da História a repensar seu papel diante dessas transformações.

Essa nova configuração impõe desafios e possibilidades ao campo da História, seja na forma como os historiadores acessam e interpretam fontes, seja na maneira como divulgam o conhecimento histórico. A divulgação científica passou a encontrar na

⁶⁹ *Ibid.* p.43

⁷⁰ LUCCHESI, A. Por um debate sobre história e historiografia digital. Boletim Historiar, n. 2, p. 45-57, 2014.p.

internet um ambiente favorável para alcançar públicos diversos, explorando recursos digitais variados e múltiplas formas de transmissão. A acessibilidade das plataformas online permitiu que o conhecimento científico circulasse de maneira mais ampla, extrapolando os limites acadêmicos. Importante destacar que esse processo não se restringe aos cientistas: técnicos, estudantes e entusiastas também passaram a ocupar esse espaço, produzindo conteúdos com uma linguagem mais acessível e menos marcada por jargões especializados. Essa aproximação discursiva com o público leigo tem ampliado significativamente o alcance e a popularização das ciências.

Entre as vantagens do ambiente digital destaca-se a manipulabilidade, que permite ao historiador, por meio de ferramentas eletrônicas e bases de dados, localizar rapidamente documentos históricos de diferentes sociedades e temporalidades a partir de palavras-chave. Embora muitas pesquisas exijam buscas mais específicas, esse recurso representa um avanço significativo e um importante ganho de tempo para a pesquisa histórica.

Como forma de aprimorar nossa análise de vídeos no YouTube, buscou-se produções científicas que utilizam os vídeos do YouTube como fonte, assim, compreender o lugar que a História tem ocupado na internet. Para Gabriela Abreu, as mídias sociodigitais tornaram-se, como o YouTube, tornaram-se um campo aberto para disseminação do negacionismo.

Nesse sentido, compreender a Internet enquanto um objeto de investigação da História e formador de produtos midiáticos sobre o conhecimento histórico, assim como entender a plataforma de compartilhamento de vídeos chamada Youtube como um canal produtor dessas narrativas midiáticas negacionistas são os objetivos primordiais deste texto. O Youtube será apontado como a fonte principal de análise neste estudo, pois é uma plataforma detentora de grande capacidade de propagação e armazena grandes produtores de conteúdos abusivos sobre o passado.⁷¹

A questão metodológica da autora, perpassa por uma problemática que pretendemos abordar nesta pesquisa, o algoritmo do YouTube. Pois o engajamento que perfis com conteúdo negacionistas, feito por sujeitos sem formação na área da História, acaba “viralizando”, gerando um contraste a ser pensado, já que Historiadores,

⁷¹ CRUZ ABREU, Gabriela. CASAMENTO PERFEITO:: AS MÍDIAS DIGITAIS E A PROPAGAÇÃO DE NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NA INTERNET. *Horizontes Históricos*, /S. l./, v. 9, n. 2, p. 124–138, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22110>. Acesso em: 8 ago. 2025.p.2

professores e estudantes utilizam a plataforma para abordar conteúdos de maneira historiográfica e não alcançam os mesmos números de visualizações que outros produtores.⁷²

Nesse contexto, é de extrema relevância compreender a influência exercida pelo YouTube na sociedade contemporânea, deixando de ser apenas uma plataforma para entretenimento, se tornando propagador e difusor de informações e conhecimento diverso. Além disso, as fronteiras entre especialistas e leigos tornam-se mais fluídas, desafiando os(as) historiadores(as) a repensarem suas práticas profissionais, bem como, a maneira como o conhecimento histórico vem sendo reproduzido na esfera pública.

A História Pública Digital configura-se como um desdobramento das transformações provocadas pela cultura digital nas formas de produzir, divulgar e consumir conhecimento histórico. Mais do que apenas transferir conteúdos acadêmicos para ambientes virtuais, esse campo propõe novas maneiras de interação entre historiadores e diferentes públicos, rompendo parcialmente com a lógica tradicional de circulação do saber restrita às universidades e aos espaços especializados. Nesse contexto, as plataformas digitais passam a funcionar como ambientes de mediação histórica, nos quais o conhecimento é produzido, compartilhado, comentado e reinterpretado coletivamente.

A internet, especialmente por meio das redes sociais e plataformas audiovisuais, amplia o alcance da História ao permitir que sujeitos antes afastados do debate historiográfico tenham acesso a narrativas históricas em formatos mais acessíveis, dinâmicos e interativos. Ao mesmo tempo, a História Pública Digital também evidencia desafios importantes relacionados à autoridade do historiador na contemporaneidade. Em plataformas como o YouTube, diferentes agentes disputam legitimidade na construção das interpretações sobre o passado, incluindo influenciadores, produtores de conteúdo, jornalistas e grupos políticos.

Essa descentralização da produção histórica cria um cenário no qual o historiador deixa de ocupar sozinho o lugar de “guardião” da narrativa histórica, passando a negociar constantemente sua autoridade com públicos diversos e com as dinâmicas algorítmicas das plataformas digitais. Além disso, a velocidade de circulação das informações, a efemeridade dos conteúdos e a lógica de engajamento das redes impõem novos desafios

⁷² *Ibid.* p3

metodológicos e éticos à prática historiográfica, exigindo dos pesquisadores estratégias de preservação, análise crítica das fontes digitais e reflexão sobre os impactos sociais e políticos da divulgação histórica na internet.

2.1 - ENTRE NUMEROS E NARRATIVAS: A PLATAFORMA DO YOUTUBE

Fundado em fevereiro de 2005 pelos amigos Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três ex-funcionários do site de vendas online *Paypal* o YouTube rapidamente se consolidou como uma das principais plataformas digitais de compartilhamento de vídeos do mundo. Inicialmente, o YouTube contava com uma interface básica e simples de operar e não havia um limite para os usuários compartilharem vídeos - certamente um grande diferencial para época, que utilizava a tecnologia do streaming para que seus vídeos pudessem ser vistos⁷³.

O primeiro vídeo compartilhado na plataforma, intitulado “Eu no Zoológico”,⁷⁴ com apenas 18 segundos, é em baixa qualidade. Um começo modesto para o que se tornaria a maior plataforma de vídeos na internet. Com os slogans que transmitiam a forma como a rede social se identificava; o primeiro deles foi “*Your Digital Video Repository*” (Seu Repositório de Vídeos Digitais) e atualmente “*Broadcast yourself*” (Transmita-se). Podemos afirmar que o YouTube se configura como uma plataforma de acesso rápido e online a vídeos, sendo alimento por seus usuários para transmissão de conteúdos pessoais ou de mídias comerciais⁷⁵.

A internet passou a se orientar por uma lógica marcada pela ampliação da interação e pela participação ativa dos usuários na produção dos conteúdos que consumiam. Essa dinâmica define o conceito de Web 2.0, diretamente associado à proposta do YouTube desde seus primeiros anos, ao se consolidar como uma plataforma fundamentada na criação e no compartilhamento de conteúdo pelos próprios usuários.

⁷³ BURGESS, J.; GREEN, J. Youtube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

⁷⁴ KARIM, J. Me at the zoo. Youtube. 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jNQXAC9IVRw>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

⁷⁵ Observamos que algumas emissoras de televisão possuem conta no YouTube afim de atingir um público-alvo jovem que possui mais interesse pela internet.

Jawed Karim, um dos cocriadores da plataforma, atribuiu o sucesso do site a quatro recursos: as recomendações dos vídeos, link de e-mail que permite o compartilhamento de vídeos, comentários e a possibilidade de reproduzir os vídeos em outras páginas na internet⁷⁶.

No entanto, a criação e o sucesso da plataforma se mostram muito mais complexos ao serem analisados.

Muito do que foi escrito sobre o YouTube sugere que a disponibilidade das tecnologias da Web 2.0 permitiu o crescimento das culturas participativas. Eu diria que o contrário também é verdadeiro: o surgimento das culturas participativas de todas as espécies ao longo das últimas décadas estabeleceu o caminho para a assimilação pioneira, rápida adoção e usos diversos dessas plataformas⁷⁷.

Para Jenkins, portanto, o surgimento do YouTube e sua rápida apropriação pelos usuários, que passaram a produzir, compartilhar conteúdos e a construir vínculos comunitários na plataforma, não podem ser compreendidos como um fenômeno imediato. Trata-se, antes, do resultado de um processo histórico de longa duração, vinculado ao desenvolvimento de uma cultura participativa.

Em outubro de 2006, a venda do YouTube para a Google, realizada por dois de seus três cocriadores ainda envolvidos no projeto, Chad Hurley e Steve Chen, pelo valor de 1,65 bilhão de dólares, representou um marco decisivo para a expansão acelerada da plataforma. A partir desse momento, o site ampliou significativamente seu alcance, atraindo a participação de grandes empresas, que passaram a utilizá-lo como espaço de promoção por meio de anúncios publicitários e da criação de canais próprios.

A cultura do YouTube estrutura-se a partir da interação entre os usuários, responsável por impulsionar o engajamento nos conteúdos por meio de diferentes práticas, como visualizações, comentários, curtidas e compartilhamentos. Essas interações são fundamentais para o alcance e o “sucesso” dos vídeos na plataforma, uma vez que a lógica cultural que a orienta se apresenta como um contraponto ao modelo tradicional da radiodifusão.

[...] esse modelo exige nossa compreensão das atividades não somente dos criadores de conteúdo, mas também das audiências e suas práticas de

⁷⁶ BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.p.18

⁷⁷ JENKINS apud BURGESS; GREEN, 2009, p. 144

participação, porque as práticas da audiência - citando, adicionando aos favoritos, comentando, respondendo, compartilhando e assistindo - deixam rastros e, portanto, todas têm impacto na cultura em comum do YouTube à medida que o site evolui. Aqueles que insistem em tratar o YouTube como se fosse uma plataforma de radiofusão têm menos Probabilidade de atingir os objetivos de suas participações, sejam elas quais forem.⁷⁸

Dessa forma, o YouTube, além de apresentar um crescimento contínuo em termos de alcance, consolidou-se como uma das plataformas mais relevantes da internet, ocupando atualmente a posição de segundo site mais acessado, com aproximadamente dois bilhões de acessos mensais⁷⁹. Paralelamente a essa expansão quantitativa, observa-se também o aumento de sua influência: no Brasil, a plataforma foi apontada como a fonte de conteúdo considerada mais relevante pelo público, sendo ainda a preferida nas categorias de educação e novidades, superando a televisão aberta e por assinatura, bem como redes sociais como Instagram e Facebook⁸⁰.

Ao acessarmos um vídeo, algumas informações são disponibilizadas de forma pública e gratuita. Logo abaixo do espaço para o título do conteúdo audiovisual, encontramos: um botão para se inscrever no canal; o número de visualizações; o número de curtidas (gostei e não gostei); o compartilhamento em outras redes sociais (Whatsapp; Facebook; X; E-mail; Reddit, etc.); as ferramentas para download, clipe, salvar e denunciar; data da publicação do vídeo; o número de comentários e o texto com o perfil de cada usuário que comentou. Segundo Thiago Salgado, essas interações na plataforma representam um rastro digital.

Cada número (estatística) e texto (descrição, comentários) apresentado é um tipo de rastro digital, pois dizem de uma ação (inscrever-se, visualizar, gostar, não gostar e comentar), de um ambiente (o YouTube de modo geral, o canal ao qual o vídeo pertence e a página do vídeo em si) e de quem agiu (quem criou o vídeo, quem criou o canal, quem se inscreveu no canal, quem visualizou o vídeo, quem gostou ou não dele e quem comentou). Não sabemos ao certo quais foram as pessoas que visualizaram algum vídeo e se elas se inscreveram ou não no canal em que o vídeo foi publicado. Do mesmo modo, não sabemos com precisão quem gostou ou não de um vídeo. O que sabemos, ainda que com certo grau de imprecisão, são os perfis que comentaram o vídeo – cujo nome não necessariamente coincide com o nome das pessoas físicas que os criaram –, mas não sabemos ao certo quando os comentários foram publicados

⁷⁸ BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. p. 83

⁷⁹ Estatísticas do YouTube 2026 (Dados demográficos, usuários por país e mais). Disponível em: https://www.globalmediainsight.com/blog/youtube-users-statistics/#Interesting_YouTube_Statistics_2026. Acesso em: 31/01/2026

⁸⁰TV conectada ultrapassa celular no consumo de YouTube no Brasil; entenda. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/tv-conectada-ultrapassa-celular-no-consumo-de-youtube-no-brasil-entenda>. Acesso em: 31/01/2026

(referimo-nos a data e hora precisas; há apenas uma indicação histórica semanal ou mensal: “há tanto tempo atrás”)⁸¹.

Além disso, o autor aponta que, no YouTube, as ações comunicacionais ocorrem naquilo de que ele chama de sociotécnicas, portanto, não devemos analisar apenas as ações humanas que ocorrem na plataforma, mas considerar os elementos não humanos, neste caso o seu algoritmo, operando para que o público permaneça o maior tempo conectado ao site.

A plataforma não estabelece um limite de vídeos a serem postados pela pessoa, basta ter acesso à internet e realizar o seu cadastro e postar suas opiniões: “O YouTube se distingue de outras plataformas de consumo de conteúdo por criar um espaço onde várias comunidades convivem e podem gerir o seu espaço com certa liberdade. Inserida nessas diversas comunidades”⁸²

O YouTube se configura como uma plataforma que amplia a visibilidade de diferentes áreas do conhecimento, articulando entretenimento e divulgação histórica em um mesmo espaço digital. A produção de vídeos por diversos atores ocorre simultaneamente ao surgimento de comunidades engajadas na criação de conteúdos educativos, o que permite compreender o YouTube como um espaço de cocriação entre diferentes grupos produtores.

Seu algoritmo não é divulgado publicamente, dificultando nossa análise de como agem as recomendações de vídeos e canais. Porém algumas variáveis podem nos dar algumas pistas de como o seu algoritmo atua. O título do vídeo ou canal, as miniaturas de imagens dos vídeos (as *thumbnails*), o histórico de navegação da pessoa, dentre outros fatores, pode influenciar nas recomendações do site. Para Salgado, o YouTube possui diversos algoritmos que são calculados baseados em algumas variáveis.

A primeira variável é o Tempo de Visualização (*Watch Time*), não sendo relacionada apenas à quantidade de minutos do vídeo assistido, mas outros fatores como: visualizações e o seu tempo de duração, inicialização de sessões, frequência do *upload*, duração da sessão e finalização da sessão. Com esses dados é possível saber com qual a

⁸¹ SALGADO, Tiago. Públicos Algorítmicos: Relevância e recomendação no YouTube. In HOMSSI, Aline Monteiro et. al. Tempos de rupturas: críticas dos processos comunicacionais. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017, pp. 370-392.

⁸² GATTI, J. Estado da Arte sobre o YouTube na Educação. Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense, n. 12, p. 62–70, 2020.p.22

frequência um vídeo é assistido e quanto tempo o usuário permanece utilizando a plataforma.

Quando um vídeo aparece para nós na página inicial do YouTube, recomendado por seu algoritmo, tendemos a clicar nele e visualizar seu conteúdo. Essa ação, por sua vez, pode nos levar a nos inscrevermos no canal ao qual o vídeo pertence, ação esta que tende a aumentar o número de visualizações e assim sucessivamente⁸³.

A segunda variável é a monetização dos vídeos. Essa possibilidade ocorre com aqueles que possuem “três mil horas de exibição nos últimos doze meses e mil inscritos”,⁸⁴ pois é possível promover anúncios em seus vídeos. Além disso, o site oferece a opção paga, o YouTube Premium, serviço que permite ao usuário assistir vídeos sem anúncios, reproduzir em segundo plano pelo celular, baixar conteúdo *offline* e acessar conteúdos originais e exclusivos⁸⁵. Para um vídeo ser classificado “Em Alta” e com isso alcançar mais público e sua monetização, são necessários alguns fatores, segundo o próprio site:

Os rankings "em alta" não são personalizados e mostram os mesmos vídeos em alta para todos os espectadores no mesmo país. Por isso, você pode encontrar vídeos nos rankings que não estão no mesmo idioma do seu navegador. O que determina se um vídeo entra para o ranking? Vários vídeos novos e incríveis são enviados para o YouTube todos os dias, mas somente alguns deles podem aparecer nos rankings "em alta[...]. Os rankings tentam equilibrar todas essas considerações. Para isso, vários indicadores são considerados, incluindo: o número de visualizações; a rapidez com que a contagem de visualizações (ou "temperatura") do vídeo está crescendo; a origem das visualizações (inclusive fora do YouTube); o tema dos vídeos; há quanto tempo o vídeo foi enviado; o desempenho do vídeo comparado a outros envios recentes do mesmo canal.⁸⁶

Neste contexto, podemos afirmar que o YouTube é capaz de alcançar uma vasta audiência, influenciar na formação cultural, social e política da sociedade. Este fato, não deve ser ignorado. Além disso, o modelo comunicacional do YouTube rompe com a lógica unidirecional típica dos meios tradicionais, como a televisão e o rádio. A

⁸³ SALGADO, Tiago. Públicos Algorítmicos: Relevância e recomendação no YouTube. In HOMSSI, Aline Monteiro et. al. Tempos de rupturas: críticas dos processos comunicacionais. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. p.10

⁸⁴ Dados retirados de <https://support.google.com/youtube/answer/72857?hl=pt-BR>. Acesso em: 26/09/2025

⁸⁵ Dados retirados de <https://www.youtube.com/premium?ybp=Sg0IBhIJdW5saW1pdGVk4AEB>. Acesso em: 26/09/2025

⁸⁶ Dados retirados de <https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-BR>. Acessado em: 26/09/2025

comunicação torna-se interativa, com espaço para comentários, debates e reinterpretações, o que evidencia o caráter participativo da cultura digital⁸⁷.

O uso das tecnologias se encaixa nas definições da História Pública, na medida que temos a divulgação do conteúdo histórico para um público vasto e não majoritariamente acadêmico. Este campo de atuação não engloba apenas a divulgação de história, mas toda a gama de tecnologias que auxiliam na atuação do historiador, como por exemplo os *softwares* de pesquisa, arquivos digitais, aplicativos e publicações.

Conforme a internet foi se popularizando e o YouTube crescendo, surgiram mais canais para a divulgação de conteúdo e o acesso a dispositivos de gravação se tornou mais fácil – notebooks, smartphone e webcam são capazes de gravar vídeos, ainda que a qualidade de som e imagem não sejam boas. Para Icles Rodrigues⁸⁸, historiador e divulgador na plataforma, a internet proporcionou a ascensão de personalidades que antes eram desconhecidas e passaram a produzir conteúdo para determinados nichos, diferentes faixas etárias ou outros recortes demográficos.

Outro fator interessante para quem deseja criar conteúdo na internet é a vantagem de se ter uma maior autonomia. Não há uma regularização ou fiscalização da qualidade (somente aqueles que infringem as diretrizes da plataforma e sofrem punição), tornando possível disponibilizar diversas informações sem um controle rigoroso. Portanto, esta autonomia permite que historiadores (e demais pesquisadores) decidam qual conteúdo a ser veiculado⁸⁹.

No entanto, mesmo com todas as vantagens, precisamos lidar com os desafios e problemáticas nas redes sociais. Conteúdos que disseminam discurso de ódio, falseamento das informações ou que aproveitam do clima político-ideológico e que propagam distorções históricas, acabam alcançando um público vasto. exemplos como “nazismo de esquerda” são facilmente encontrados na Internet.

A “era da pós-verdade”, em que muita informação é disponibilizada, levando aos usuários consumir muita informação e não conseguindo refletir sobre o assunto ou

⁸⁷ CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

⁸⁸ RODRIGUES, Icles. História no YouTube: relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (org.). *História pública e divulgação de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 73-92

⁸⁹ *Ibid.* p.77

mesmo distinguir o que é de real ou falso. Como afirma Rodrigues,⁹⁰ “A abundância de desinformação nesse ambiente é um dos motivos pelos quais os acadêmicos devem se preocupar com a questão da divulgação de História”.

A partir disso, surgem questionamentos pensando nessa problemáticas envolvendo a divulgação de história. O YouTube, através do seu algoritmo, prioriza determinados conteúdos em detrimento de outros? Podemos considerar que a plataforma é capaz de moldar a opinião pública? Como a divulgação de história vem trabalhando para entregar um conteúdo de qualidade e alcance amplo?

Para refletirmos e respondermos a estas indagações, precisamos partir do seguinte pensamento: o YouTube é uma plataforma de audiovisual que trabalha a partir da coleta de dados do seu usuário. Ou seja, desde 2012, a plataforma utiliza destes dados para recomendar os vídeos, proporcionando um *looping* de recomendações, fazendo com que permaneçamos mais tempo no site. Este método é chamado de *Watch Time*⁹¹.

Para viabilizar isso, atualizamos o que chamamos de recursos de descoberta de vídeo, ou seja, como nossos espectadores encontram vídeos para assistir por meio de buscas e vídeos sugeridos. Essas mudanças destacam melhor os vídeos que os espectadores realmente assistem, em vez daqueles em que clicam e depois abandonam.⁹²

De acordo com Guillaume Chaslot,⁹³ o mecanismo de algoritmo do YouTube, impulsiona vídeos com “fatos alternativos” ao invés dos científicos. Com base em suas pesquisas, Chaslot notou que a plataforma dava mais importância ao tempo que os usuários passavam assistindo determinado conteúdo do que o número de curtidas:

⁹⁰ RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. História Pública e divulgação de história. São Paulo. Letra e Voz, 2019. p.80

⁹¹ To support this, we’ve updated what we call video discovery features, meaning how our viewers find videos to watch via search and suggested videos. These changes better surface the videos that viewers actually watch, over those that they click on and then abandon.

⁹² MEYERSON, Eric. YouTube Now: Why We Focus on Watch Time. Disponível em: <https://blog.youtube/news-and-events/youtube-now-why-we-focus-on-watch-time/>. Acesso em: 04/07/2025.

⁹³ Guillaume Chaslot, é um francês formado em engenharia de software e ex-funcionário da empresa Google, Chaslot, ficou conhecido após revelar em 2017 o modo como a IA do YouTube funciona e promove vídeos sobre fatos alternativos. Atualmente, ele tem uma empresa chamada *AlsoTransparency*, que desenvolveu um software capaz de reconhecer as recomendações mais frequentes do YouTube.

“Portanto, se ‘a Terra é plana’ mantém os usuários online por mais tempo do que ‘a Terra é redonda’, essa teoria será favorecida pelo algoritmo de recomendação⁹⁴”.

O YouTube é uma plataforma que atende aos interesses da corporação que o controla, através de políticas regularizadoras intermediando a relação dos consumidores com os produtores. Para garantir quais conteúdos serão apresentados, ela realiza enquetes sobre perfis e os mais votados são vistos como vantajosos financeiramente. Esse processo que ocorre através da inteligência artificial pode acabar criando uma hierarquia injusta, pois alguns criadores vão ser favorecidos em relação a outros. Assim, o YouTube acaba priorizando conteúdos que agradam aos interesses comerciais dos anunciantes, o que vai contra a ideia de ser uma plataforma aberta, democrática e participativa⁹⁵.

A possibilidade de compartilhamento nas redes sociais torna seu alcance muito maior. Através do *link* do vídeo é possível difundi-lo em outras redes como o *Whatsapp*, *Facebook*, *Twitter*. Há também os vídeos que aparecem “Em alta” que leva em consideração a taxa de visualizações, a data em que foi postado e a sua origem. Segundo o próprio YouTube.

A seção "Em alta" mostra aos espectadores o que está acontecendo no YouTube e no mundo. O objetivo dela é destacar vídeos e Shorts que podem agradar vários espectadores. Alguns destaques são previsíveis, como a música nova de um artista famoso ou o trailer de um filme. Outros são surpreendentes, como um vídeo viral [...] A lista de vídeos em alta é atualizada a cada 15 minutos. Em cada atualização, os vídeos podem subir, descer ou ficar na mesma posição na lista⁹⁶.

No YouTube, um vídeo “em alta” normalmente é aquele que apresenta crescimento acelerado de visualizações e engajamento em um curto período. Não depende apenas do número bruto de *views*, mas também de fatores como curtidas, comentários, compartilhamentos, tempo de retenção do público e velocidade com que o conteúdo está sendo consumido.

No caso da divulgação histórica, um vídeo pode ser considerado “em alta” quando consegue ultrapassar o público tradicional do nicho e circular amplamente na

⁹⁴ CHASLOT.Guillaume. Como a IA do YouTube impulsiona fatos alternativos. Disponível em: <https://guillaumechaslot.medium.com/how-youtubes-a-i-boosts-alternative-facts-3cc276f47cf7>. Acesso em: 07/07/2025

⁹⁵ BISHOP, S. Anxiety, panic and selfoptimization: Inequalities and the YouTube algorithm. *Journal of Research into New Media Technologies*, v. 24, n. 1, p. 69–84, 2018.

⁹⁶ Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-BR>. Acesso em: 08/07/25

plataforma, muitas vezes impulsionado por debates contemporâneos, polêmicas, efemérides, temas políticos ou formatos mais dinâmicos de apresentação. Isso também se relaciona à lógica algorítmica do YouTube, que privilegia conteúdos capazes de manter o usuário conectado por mais tempo.

Outro recurso é a opção de “filtros” que auxiliam nas pesquisas pela plataforma, são eles: Data do *Upload* (Última hora, Hoje, Esta semana, Este Mês, Este ano); Tipo (Vídeo, Canal, *Playlist*, Filme, Programa); Duração (menos de quatro minutos, entre quatro e vinte minutos ou com mais de vinte minutos); Características (4K, Alta Definição, HDR, Legendas/CC, Creative Commons, 3D, Ao vivo, Comprado, 360°, Local) e Ordenar por (Relevância, Data de envio, Contagem de Visualizações, Avaliação)⁹⁷. Outro modo de seleção de conteúdo é através da aba “relacionados” em que o YouTube sugere vídeos com conteúdo parecidos com o selecionado.

Feita a elucidação de como a plataforma funciona na prática, alguns questionamentos foram levantados: qual tem sido o espaço do saber acadêmico nestes espaços? Existe uma disputa entre os canais? Como a História tem sido apresentada neste ambiente popular, como o YouTube? Para responder a estes questionamentos selecionamos o canal Historiar-se que mobiliza a divulgação de história na plataforma de vídeos

2.2 - O CANAL HISTORIAR-SE NO CONTEXTO DA DIVULGAÇÃO HISTÓRICA NO YOUTUBE

Nas últimas décadas, pesquisadores buscam modos de melhorar o compartilhamento do que é produzido no ambiente acadêmico junto ao grande público, partido dos estudos dedicados a História Pública Digital. Entretanto, este interesse pelo passado é produzido e reproduzido de maneira intensa pela internet. Tal perspectiva é aprofundada por Bruno de Carvalho ao analisar a autoridade do historiador no contexto digital, destacando que a internet constitui um espaço aberto à produção descentralizada

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 08/07/2025

de conteúdos, no qual sujeitos não especializados também passam a construir e disseminar narrativas sobre o passado⁹⁸.

A presença da História na internet insere-se no campo da História Digital, que não se limita à divulgação de conteúdos históricos, mas compreende um conjunto diversificado de recursos tecnológicos que auxiliam o trabalho do historiador⁹⁹. No contexto de plataformas como o YouTube, esses recursos incluem ferramentas de produção e edição audiovisual. A plataforma de vídeos configura-se como um espaço relevante da História Pública Digital, no qual historiadores passam a mediar o conhecimento histórico para públicos amplos, redefinindo formas de comunicação, circulação e apropriação do passado. Logo,

a História Pública não tem todas as soluções, mas a maneira como ela tem arregimentado forças em diferentes campos, do audiovisual ao design gráfico, do meio editorial aos museus e arquivos, passando pela escola e, claro, pela academia, soa como uma forma promissora para se enfrentar os enormes desafios que temos diante de nós.¹⁰⁰

A constante evocação do passado demonstra que vivemos imersos em referências históricas construídas a partir de conceitos que orientam nossa compreensão do mundo social¹⁰¹. Contudo, muitas dessas produções apresentam abordagens superficiais e anacrônicas, incorporando elementos ficcionais que distorcem a compreensão histórica em relação à historiografia acadêmica. Diante desse panorama, surgem também propostas que procuram se afastar dessas leituras distorcidas do passado, utilizando o espaço digital como meio para uma divulgação histórica mais crítica e comprometida, como é o caso do canal Historiar-se.

François Hartog chama atenção para o lugar do historiador diante das transformações do mundo digital. Para o autor, as práticas tradicionais da pesquisa histórica como o trabalho em arquivos, a leitura cuidadosa, os fichamentos, a escrita e

⁹⁸ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.) Que história pública queremos? – São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.p.169

⁹⁹ LUCCHESI, Anita. CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História digital: Reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.) Que história pública queremos? – São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018.

¹⁰⁰ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. (Org.,) História pública e divulgação de história. São Paulo. SP: Letra e Voz, 2019.p.18-19

¹⁰¹ MOREIRA, Igor Lemos. Sobre História Pública E Ensino De História: Algumas Considerações. EBR – Educação Básica Revista, vol.3, n.2, 2017.

revisão dos textos, além dos processos formais de avaliação e publicação acadêmica, continuam sendo corretas e fundamentais. No entanto, diante da realidade digital contemporânea, Hartog questiona qual espaço o historiador passa a ocupar ou precisa negociar para intervir no debate público, em um contexto marcado pela valorização do imediato, do interativo e do tempo real, característicos do ambiente online¹⁰².

Diante dessas transformações, o ambiente digital deixa de ser apenas um espaço de pesquisa e armazenamento de fontes, passando a configurar-se também como um lugar de produção, circulação e disputa de narrativas históricas. A Web 2.0 possibilitou que historiadores e não historiadores ocupassem plataformas digitais para divulgar interpretações sobre o passado, dialogar com públicos amplos e intervir no debate público. O YouTube destaca-se como um espaço privilegiado de divulgação histórica, no qual diferentes agentes produzem conteúdos audiovisuais que articulam conhecimento acadêmico, linguagem acessível e engajamento social, inserindo-se diretamente nas dinâmicas da História Pública Digital.

O Youtube não é a única plataforma de vídeos a proporcionar acesso a conteúdo históricos, porém destaca-se como a mais acessada, sobretudo em razão de sua gratuidade e facilidade de uso. Diferentemente de outras plataformas de *streaming* (assistir online), o YouTube permite a publicação aberta de vídeos, enquanto serviços como *Netflix*¹⁰³ e *Amazon Prime Video*¹⁰⁴ restringem tanto a produção de conteúdo quanto o acesso aos materiais, que ficam condicionados à assinatura paga. Por se tratar de um espaço plural e aberto, o YouTube reúne desde produções amadoras, realizadas sem grandes recursos, até conteúdos profissionais. Entre essa diversidade, destacam-se os canais voltados à educação, que contribuem para consolidar a plataforma como um espaço legítimo de atuação de historiadores e historiadoras no debate público contemporâneo¹⁰⁵.

¹⁰² HARTOG, François. Crer em história. Tradução de Camila Dias. – 1º ed.—Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.p.78

¹⁰³ A Netflix é um serviço de streaming por assinatura que permite assistir a séries e filmes em um aparelho conectado à internet. Disponível em: <https://help.netflix.com/pt/node/412#:~:text=A%20Netflix%20%C3%A9%20um%20servi%C3%A7o,se m%20conex%C3%A3o%20com%20a%20internet.Acesso em: 29/01/2026>

¹⁰⁴ O Prime Vídeo é o serviço de streaming por assinatura da Amazon, que oferece um catálogo amplo com séries, filmes, documentários, transmissões ao vivo e outros conteúdos aos usuários. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-funciona-o-prime-video-conheca-as-funcoes-do-servico-de-streaming-da-amazon/.Acesso em:29/01/2026>

¹⁰⁵ RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: TEIXEIRA, Ana Paula Tavares e CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. (Editores) História pública e divulgação de história. São Paulo. SP: Letra e Voz, 2019.

Reconhecendo que a divulgação científica não se limita ao campo da História, apresentam-se, a seguir, exemplos de iniciativas de outras áreas do conhecimento, com o objetivo de evidenciar que a História também integra esse conjunto de produções científicas voltadas ao grande público. Exemplos de canais dedicados à divulgação científica: Canal do Pirula (biologia)¹⁰⁶, Drauzio Varella (medicina)¹⁰⁷, Canal USP (conteúdo acadêmico)¹⁰⁸, Chavoso da USP (sociologia e política)¹⁰⁹. E no campo da história, os exemplos são: Xadrez Verbal (História)¹¹⁰, Leitura Obriga História (História)¹¹¹ e Canal História e Tu (História)¹¹². Todos desenvolvidos e apresentados por pesquisadores profissionais, ou seja, formados na área que buscam divulgar.

Por estarem entre os canais com maior número de visualizações, essas iniciativas evidenciam o êxito no alcance do grande público. Tal condição, associada ao compromisso com a divulgação científica e com práticas de engajamento responsável com a ciência, demonstra como as plataformas digitais podem atuar como importantes espaços de mediação entre o conhecimento acadêmico e a sociedade. O cuidado com o método científico levou, inclusive, à criação do selo Science Vlogs Brasil, por meio do qual os vídeos produzidos passam por avaliação de um grupo de especialistas das áreas divulgadas.

Destaca-se ainda o YouTube Edu, iniciativa desenvolvida a partir da parceria entre a Fundação Lemann e o Google, que funciona como uma página voltada à pesquisa e à hospedagem de conteúdos educativos direcionados aos níveis fundamental e médio da educação básica. Alguns canais, inclusive, reúnem simultaneamente os selos Science

¹⁰⁶ Paulo Miranda Nascimento, conhecido como Pirula, apresenta o Canal do Pirula onde aborda temas como ciência, religião, evolução e paleontologia. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Pirulla25>

¹⁰⁷ O médico Drauzio Varella apresenta conteúdos sobre saúde. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/drauziovarella>

¹⁰⁸ O canal oficial da Universidade de São Paulo no YouTube. No Canal USP você assiste lives, entrevistas, reportagens especiais, séries e vídeos de pesquisas científicas, acontecimentos culturais e acadêmicos produzidos pela equipe do Jornal da USP, Rádio USP e dos parceiros do canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/CanalUSP/videos>

¹⁰⁹ Thiago Torres Moura Santos mais conhecido como Chavoso da USP, seu conteúdo é focado principalmente em questões educacionais, políticas e sociais. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ChavosodaUSP>

¹¹⁰ Criado por Filipe Figueiredo, o canal, além de manter os vídeos próprios sobre História, política e atualidades, também serve para publicação dos podcasts do Xadrez Verbal. Disponível em: <https://www.youtube.com/@xadrezverbal>

¹¹¹ Icles Rodrigues, criador do canal Leitura Obriga História canal voltando para divulgação da História no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@icles.rodrigues>

¹¹² Um canal voltado para o ensino de história, com muita música, cinema e arte. Disponível em: <https://www.youtube.com/@canalhistoriaetu15>

Vlogs Brasil e YouTube Edu¹¹³, o que contribui para seu reconhecimento como produções comprometidas com a seriedade e a qualidade do conteúdo educativo.

Historiadores que atuam na divulgação de História na internet, como Icles Rodrigues, apontam a existência de canais voltados a tarefas aparentemente simples, como a definição de conceitos históricos e a diferenciação desses conceitos em relação aos significados atribuídos pelo senso comum, como é o caso do seu canal Leitura ObrigaHistória. Rodrigues¹¹⁴ aponta que a maior parte dos acessos aos canais de divulgação ocorre por meio de dispositivos móveis, sendo 49% via celulares e 41% por computadores.

Alguns aspectos podem indicar se um canal está comprometido com a História enquanto ciência. Um deles é o uso de bibliografia baseada em obras e autores reconhecidos no meio acadêmico, uma vez que existem produções fundamentadas em revisionismos históricos que não são aceitos pela comunidade científica e que se aproximam mais do entretenimento do que da produção de conhecimento histórico. Outro ponto importante é a utilização de fontes, observando-se se estas são apresentadas e identificadas nos vídeos.

Também podem ser considerados critérios como a explicitação do método utilizado, a apresentação de diferentes interpretações e a possibilidade de compreender o passado a partir de fontes diversas. Esses critérios foram escolhidos por serem de fácil verificação, especialmente no caso de canais mantidos por pesquisadores, que, em geral, já demonstram um cuidado básico com os procedimentos da prática historiográfica.

Inserido nesse contexto de expansão das plataformas digitais como espaços de produção e circulação do conhecimento histórico, o canal Historiar-se configura-se como um exemplo significativo de divulgação histórica no YouTube. Criado e conduzido por historiadores, o canal utiliza a linguagem audiovisual para abordar temas históricos variados, buscando dialogar com um público amplo sem renunciar ao rigor metodológico e da pesquisa acadêmica.

¹¹³ O Science Vlogs Brasil é um projeto de divulgação científica voltado aos espectadores de vlogs na internet, tendo como plataforma principal o site YouTube. O YouTube Edu contém vídeos educacionais voltados ao apoio à aprendizagem escolar. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg. Acesso em: 20/01/2026

¹¹⁴ RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. História Pública e divulgação de história. São Paulo. Letra e Voz, 2019

Ao ocupar uma plataforma marcada por disputas de narrativas, algoritmos e diferentes interesses, o Historiar-se evidencia as potencialidades e os desafios da História Pública Digital, ao mesmo tempo em que contribui para a democratização do conhecimento histórico e para o enfrentamento de leituras simplificadas, negacionistas ou distorcidas do passado.

O Historiar-se se caracteriza pela produção de vídeos que abordam diferentes períodos e problemáticas históricas, articulando narrativas explicativas com referências à pesquisa historiográfica. A estrutura dos vídeos, o uso de títulos em forma de questionamento e a presença de elementos visuais e narrativos próprios da plataforma indicam uma adequação às dinâmicas do YouTube, ao mesmo tempo em que sinalizam a preocupação com a contextualização histórica e a responsabilidade na divulgação do passado.

Diante dessas reflexões, torna-se evidente que a divulgação de História no ambiente digital envolve desafios teóricos, metodológicos e éticos, especialmente no que diz respeito à autoridade do historiador, à mediação do conhecimento histórico e às linguagens próprias das plataformas digitais. Espaços como o YouTube, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso ao conhecimento histórico, impõem novas dinâmicas de produção, circulação e recepção dos conteúdos, exigindo dos historiadores a adaptação de suas práticas sem a perda do rigor historiográfico. Assim, compreender o funcionamento dessas plataformas e as disputas que nelas se estabelecem constitui um passo fundamental para a análise de iniciativas específicas de divulgação histórica no meio digital, como será abordado no tópico seguinte.

SEÇÃO 3 – A PROPOSTA DE ANÁLISE DO CANAL

A pesquisa propõe-se à análise dos vídeos disponibilizadas pelo canal Historiar-se no YouTube, considerando a ampla difusão e popularidade dessa plataforma digital entre os usuários da internet, especialmente pelo elevado consumo de conteúdos audiovisuais voltados ao entretenimento e à informação. O YouTube é compreendido como um espaço de produção de discurso histórico, no qual os vídeos se direcionam a sujeitos interessados em conteúdos históricos. Os responsáveis pela produção desses materiais e pela gestão dos canais atuam como construtores de narrativas históricas, assumindo o papel de intérpretes do passado.

Levantamos a problemática de verificar quais narrativas históricas são apresentadas pelo canal, buscando compreender de que maneira esses conteúdos são construídos, difundidos e apropriados pelo público na plataforma digital. Para tanto, questionamentos como: “Qual perspectiva histórica o canal apresenta?”, “Através dos comentários podemos compreender a recepção do público?”, “Qual o embasamento teórico utilizado?”. Ao compreender os vídeos como fontes audiovisuais, buscamos identificar quais elementos próprios da linguagem audiovisual são fundamentais para a interpretação e a leitura desse tipo de material.

Ao trabalhar com uma plataforma digital da internet, especificamente com vídeos disponibilizadas no YouTube, adotamos como procedimento metodológico uma análise qualitativa dessa mídia, levando em consideração tanto sua linguagem audiovisual quanto o contexto sociotécnico em que está inserida. Tal abordagem dialoga com os pressupostos da História Pública Digital, ao compreender esses conteúdos como práticas de mediação do conhecimento histórico voltadas a públicos amplos e diversos.

Nesse sentido, estabelece-se uma interlocução com os estudos sobre cinema, fontes audiovisuais e educação, buscando interpretar como o discurso histórico é construído, apresentado e apropriado no ambiente digital. A escolha pela pesquisa qualitativa justifica-se, conforme argumenta Flick, pelas aceleradas transformações sociais contemporâneas: “a mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais.”¹¹⁵

Entre os elementos fundamentais da pesquisa qualitativa, destaca-se a valorização do caráter interdisciplinar dos métodos e das abordagens analíticas. Desse modo, a presente investigação propõe a utilização de diferentes estratégias metodológicas. Conforme a abordagem de Flick, a pesquisa qualitativa é orientada por um conjunto de ideias centrais que norteiam sua condução e seus procedimentos analíticos:

Consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.¹¹⁶

¹¹⁵ FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Armed, 2009.p.20

¹¹⁶ *Ibid*.p.23

As fontes audiovisuais, que constituem o objeto desta pesquisa, podem ser entendidas de maneira ampla como todos os vídeos, imagens e registros sonoros produzidos pela humanidade e que podem ser utilizados como fontes para a escrita da História. Nesse conjunto, incluem-se exemplos como o cinema, a televisão, o rádio e a música, conforme destaca Napolitano. De acordo com o autor, “as fontes audiovisuais e musicais ganham crescentemente espaço na pesquisa histórica. Do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras, mas seu estatuto é paradoxal”.¹¹⁷

Plataformas como o YouTube exemplificam esse movimento, ao reunirem vídeos que combinam imagem, som e narrativa, produzidos tanto por historiadores quanto por outros agentes sociais. Desse modo, as fontes audiovisuais assumem um papel central nos debates contemporâneos sobre divulgação histórica, autoridade do historiador e novas formas de mediação entre passado e público.

Para Michel de Certeau, organizar as fontes é escolher. O historiador decide quais documentos serão utilizados e, ao fazê-lo, traz para o presente material que, no passado, possuíam outros significados e outras funções. Certeau destaca que, “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho.”¹¹⁸

Um dos principais desafios no uso das fontes audiovisuais na pesquisa histórica é a tensão entre objetividade e subjetividade. Essa tensão entre objetividade e subjetividade exige que o historiador evite tanto a leitura ingênua do audiovisual como reflexo direto da realidade quanto a sua desqualificação como fonte excessivamente subjetiva. Conforme propõe Napolitano¹¹⁹, os materiais audiovisuais devem ser analisados considerando seus processos de produção, circulação e recepção, bem como as intenções de seus produtores e os contextos históricos nos quais estão inseridos. Assim, o audiovisual passa a ser compreendido como uma construção histórica, portadora de

¹¹⁷ NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.p. 235

¹¹⁸ CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.p. 81

¹¹⁹ NAPOLITANO, op.cit.,p.233

sentidos, discursos e escolhas, o que permite ao historiador utilizá-lo de forma crítica e metodologicamente rigorosa.

No contexto das plataformas digitais, como o YouTube, essa discussão metodológica torna-se ainda mais evidente. Os vídeos disponibilizados nessas plataformas não devem ser compreendidos como registros neutros da realidade, tampouco descartados como produções meramente subjetivas. Trata-se de materiais construídos a partir de escolhas narrativas, estéticas e técnicas, condicionadas tanto pelos objetivos de seus produtores quanto pela lógica da própria plataforma.

Desse modo, ao utilizar vídeos do YouTube como fontes históricas, o historiador deve atentar para os contextos de produção, circulação e recepção desses conteúdos, reconhecendo-os como fontes audiovisuais contemporâneas que demandam procedimentos analíticos específicos e rigor metodológico.

Na análise das fontes audiovisuais, o pesquisador deve evitar o que Napolitano denomina de “visão objetiva”. Essa leitura decorre do chamado “efeito de realidade”, pelo qual o audiovisual pode ser interpretado, de forma equivocada, como um registro direto e fiel do passado. Tal interpretação é comum sobretudo em materiais com características documentais, que, devido ao seu alto poder ilustrativo, tendem a ser percebidos como testemunhos quase imediatos dos acontecimentos históricos.

Com efeito, todas as imagens e sons obtidos pelo registro técnico do real criam um "efeito de realidade" imediato sobre o observador, efeito esse - já notado por Roland Barthes, semiólogo francês, no seu trabalho clássico sobre fotografia - produzido pela impressão de uma adesão imediata do referente (a "realidade" fotografada) à representação (o registro fotográfico em si). Entre as fontes audiovisuais aqui discutidas, os filmes documentários e os diversos tipos de jornalismo (no rádio, no cinema e na TV) podem potencializar esse "efeito de realidade", pois a busca de eventos e processos fornece o mote para a criação.¹²⁰

Segundo Napolitano, o pesquisador que trabalha com fontes audiovisuais deve atentar para as especificidades técnicas da linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que estruturam esse tipo de material. Para o autor, a análise do audiovisual pressupõe um procedimento metodológico próprio, organizado a partir de duas etapas de decodificação.

¹²⁰ *Ibid.*p.236

No caso dos vídeos publicados pelo Historiar-se, essa proposta metodológica pode ser aplicada de forma objetiva. A primeira decodificação envolve a análise interna do vídeo, considerando elementos como roteiro, linguagem utilizada, edição, uso de imagens, trilha sonora e estratégias narrativas adotadas pelo produtor de conteúdo. Já a segunda decodificação refere-se à análise externa, que inclui o contexto de produção do vídeo, a lógica da plataforma, os mecanismos de circulação e recepção, bem como a interação com o público por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos. Dessa forma, o audiovisual do canal é compreendido como uma fonte histórica construída, situada e mediada por dinâmicas digitais específicas.

Assim como qualquer fonte histórica, o audiovisual é um registro culturalmente construído e marcado pela tensão entre evidência e representação, conforme aponta Certeau. Nesse sentido, como destaca Napolitano, os documentos audiovisuais apresentam armadilhas semelhantes às das fontes escritas, o que reforça a necessidade de uma análise crítica e metodologicamente orientada.

Em outras palavras, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido, cujo estabelecimento do dado bruto é apenas o começo de um processo de interpretação com muitas variáveis.¹²¹

A História Pública Digital amplia o debate sobre o uso das fontes audiovisuais ao evidenciar novas formas de produção, circulação e apropriação do conhecimento histórico. Plataformas como o YouTube potencializam o alcance dessas fontes, mas também intensificam os desafios metodológicos já apontados pela historiografia. Assim, ao analisar vídeos online como documentos históricos, o historiador deve reconhecer tanto seu papel na divulgação do passado quanto as mediações técnicas, narrativas e culturais que os constituem, reafirmando a importância de um olhar crítico e reflexivo sobre essas produções contemporâneas.

Considerando que o objeto desta pesquisa, o canal Historiar-se, apresenta aproximações com a linguagem fílmica, os aportes teóricos sobre cinema, história, mídia e educação oferecem subsídios fundamentais para a compreensão e análise desse material enquanto fonte audiovisual. Ao compreender o audiovisual como um documento historicamente construído, marcado por escolhas narrativas e tensionado entre evidência

¹²¹ *Ibid.*p.240

e representação, esta pesquisa reafirma a importância de procedimentos metodológicos rigorosos para sua interpretação.

Não somente compreender a temática, mas é preciso que este público saiba que uma “opinião” que circula na Internet não é uma narrativa válida, pois não utiliza em seus argumentos fontes seguras, análise de documentos e evidências científicas que comprovem os fatos. Explorar as potencialidades da Internet é permitir que a História seja inserida nas novas mudanças da sociedade contemporânea. Entendemos que os computadores são parte indispensável nas trocas de informação e comunicação. Cada vez mais as novas gerações utilizam este espaço para criação de conteúdo, atraindo muitos usuários como é o caso do YouTube.

A análise do canal permiti observar aspectos que ultrapassam a simples divulgação de conteúdos históricos. O *Historiar-se* constrói, por meio de sua narrativa, uma imagem do historiador como mediador entre o conhecimento acadêmico e o público digital. Essa mediação se expressa tanto na forma como os vídeos são roteirizados - frequentemente com base em referências bibliográficas, conceitos historiográficos e fontes primárias - quanto na interação com o público por meio de comentários e debates nas redes sociais.

Os vídeos do canal não recorrem a recursos gráficos complexos nem a técnicas avançadas de edição — a força da produção está na narrativa bem articulada e no uso consistente de referências bibliográficas, que funcionam como eixo estruturante dos roteiros. A duração também acompanha o padrão da plataforma: raramente ultrapassa vinte minutos, concentrando-se majoritariamente entre sete e doze minutos. Essa concisão favorece o uso de uma linguagem acessível, entendida por Carvalho como um recurso fundamental na comunicação científica online. Segundo a autora, “a liberdade narrativa dos vídeos do YouTube permite que criadores do segmento da ciência desenvolvam conteúdos capazes de atrair o público, gerando visualizações, participação, engajamento e propagação”¹²². Nesse sentido, o *Historiar-se* opera justamente nesse ponto de equilíbrio

¹²² CARVALHO, Mariela Costa. Divulgação Científica no YouTube: Narrativa e Cultura Participativa nos Canais Nerdologia e Peixe Babel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO. São Paulo, 2016. Anais eletrônicos...São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.p.11 Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2014-1.pdf>. Acesso em: 29/10/2025

entre rigor conceitual e forma comunicativa, dialogando com a lógica da História Pública Digital.

O período de análise do canal compreende março de 2019, data da primeira postagem, até junho de 2025. Nesse intervalo, o canal produziu 188 vídeos, cuja listagem completa encontra-se no Apêndice 1. Em 2019 foram publicados 35 vídeos (18,7%); em 2020, 52 vídeos (27,8%), configurando o ano de maior atividade; em 2021, 41 vídeos (21,9%); em 2022, 16 vídeos (8,6%); em 2023, 19 vídeos (10,2%); e em 2024, 14 vídeos (7,5%). Em 2025, o canal manteve sua produção regular. Observa-se que 2020 e 2021 concentram a maior quantidade de publicações, o que dialoga com o contexto da pandemia de SARS-CoV-2, iniciada em dezembro de 2019, período em que muitos projetos digitais passaram a intensificar sua atuação online.

Devido às medidas de isolamento e distanciamento social necessárias para conter o coronavírus, muitos setores essenciais foram afetados, como por exemplo as escolas e universidades, que precisaram adaptar suas atividades para o formato remoto. Nesse contexto, a internet assumiu papel central como mediadora do acesso ao conhecimento, permitindo que processos educativos continuassem mesmo em meio às restrições sanitárias. O canal Historiar-se intensificou sua produção durante esse período, ampliando a divulgação de conteúdos históricos e, consequentemente, alcançando maior visibilidade e crescimento dentro do ambiente digital.

No que diz respeito às temáticas, a classificação apresentada aqui não corresponde às playlists organizadas pelos produtores do canal, mas sim a uma categorização construída a partir do conteúdo efetivamente abordado em cada vídeo. Essa distinção permite uma análise mais refinada das escolhas editoriais e das recorrências temáticas presentes ao longo da trajetória do Historiar-se.

Foram identificadas dez categorias temáticas: Educação (37 vídeos); Gênero (37 vídeos); Ditadura Militar (9 vídeos); Ofício do Historiador (34 vídeos); História do Brasil (16 vídeos); História Geral (19 vídeos); História do Rio Grande do Sul (11 vídeos); Debates Contemporâneos (18 vídeos); Étnico-racial (5 vídeos); e Indígena (2 vídeos). A distribuição desses temas guarda relação direta com as áreas de formação e interesse dos produtores do canal. Anita atua como professora da rede municipal, desenvolve um projeto sobre a ditadura em Porto Alegre e pesquisa temas ligados à educação e aos

direitos humanos. Carlos Eduardo, também professor da rede municipal, concentra suas pesquisas nas áreas de gênero e educação. Essa afinidade temática ajuda a explicar tanto as escolhas editoriais quanto as recorrências observadas na produção do Historiar-se.

Outro mapeamento realizado foi o da formação acadêmica dos convidados. Dos 77 participantes identificados nos vídeos analisados, 26 são doutores, 27 eram mestrandos e 24 graduandos, todos vinculados à área de História. Apenas um vídeo foge a esse padrão: “Quais os limites e aproximações entre jornalistas e historiadores?”, no qual a convidada é formada em Jornalismo.

Também é possível observar que o Historiar-se convida outros projetos e canais de divulgação histórica para participar de seus conteúdos, como o canal Clio História e Literatura, o podcast Historicast, a página Fermento Feminista, a página Humanizarte, o projeto História na Wiki e o canal Profanelize. A colaboração com historiadores e iniciativas que também atuam na divulgação de história e se inserem no campo da História Pública Digital reforça o caráter coletivo dessa prática, ampliando redes, consolidando parcerias e fortalecendo a circulação pública do conhecimento histórico.

A maioria dos convidados possui formação pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Isso se explica pela proximidade dos criadores do canal com a instituição, já que ambos se formaram nela e mantêm uma rede de contatos acadêmicos ali estabelecida. Ainda assim, foi possível identificar convidados formados em outras universidades e provenientes de diferentes regiões do país: Mauro Sérgio Farias (UERJ); Cleicimar Ariceto de Souza (UFPR); Hstéffany Muniz (UFPR); Rutemara Florencio (CEFOPR); Adriana Gomes Santos (PUC-SP); Herika Fabiola Barros de Souza (UEP) e Paloma Czapla (Universidade de Indiana, EUA).

Conforme discutido no referencial teórico, visibilidade diz respeito ao alcance que um conteúdo consegue gerar, ampliando tanto a exposição do canal quanto o acesso do público às informações compartilhadas. Para mensurar o tamanho do canal, considerou-se o número de inscritos, ainda que seja sabido que muitas pessoas assistem aos vídeos sem necessariamente se inscrever. No período analisado, os 188 vídeos publicados somaram 321.157 visualizações, indicando um alcance expressivo dentro do universo da divulgação histórica online.

Diante do expressivo volume de produções audiovisuais disponibilizadas pelo canal, tornou-se necessário estabelecer um recorte temático. Considerando a proposta de examinar a produção do canal que dialoguem com a divulgação de História, optou-se, em um primeiro momento, por delimitar o vídeo com maior número de visualizações, com o objetivo de compreender de que maneira os fatos e episódios históricos são narrados pelos produtores do canal. Para esse propósito, selecionamos os vídeos: “O Estado Novo foi fascista?”; “O Brasil Paralelo Produz História?” e devido a repercussão a parte dois “Brasil Paralelo produz história? (parte ii)”

O critério que orientou essa escolha reside no potencial dessas temáticas para fomentar debates e reflexões, tanto no âmbito acadêmico quanto no contexto escolar. Trata-se, portanto, de um tema sensíveis no campo da produção historiográfica, o que torna pertinente investigar como são mobilizados por essa mídia e de que forma despertam o interesse do público.

Torna-se evidente que o canal tem conseguido comunicar seu conteúdo de forma eficiente, ampliando gradativamente seu alcance e consolidando uma audiência interessada em consumir história por meio de uma linguagem clara e próxima do cotidiano. A divulgação histórica realizada pelo Historiar-se mostra fôlego justamente por apostar nesse caminho: produzir sentido sem criar barreiras técnicas ou discursivas desnecessárias.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a ausência de recursos financeiros robustos limita a velocidade de expansão do canal. Muitos produtores de conteúdo científico no YouTube contam com equipes numerosas - especialistas em audiovisual, animação, design e roteirização. O Historiar-se opera em outra lógica, na qual dispõe de conhecimento técnico suficiente para editar e estruturar seus vídeos, mas não se apoia em produções complexas.

A seriedade e o cuidado demonstrados pelo Historiar-se na pesquisa e na apresentação dos temas fortalecem sua credibilidade, algo ainda mais relevante num cenário marcado pelo negacionismo e por formas variadas de revisionismo histórico. Ao combinar rigor conceitual com linguagem acessível, o canal cumpre um papel essencial na circulação pública do conhecimento, aproximando a história de um público amplo e heterogêneo. Considerando esse alcance crescente e o engajamento dos espectadores, a

próxima seção volta-se para a análise da recepção do público e das formas de interação estabelecidas entre o canal e sua audiência.

Esse enquadramento teórico-metodológico fundamenta a análise dos vídeos do YouTube, que será desenvolvida na seção seguinte, voltada à discussão dos desafios e das possibilidades da divulgação histórica em ambientes digitais. A conexão ajuda a mostrar que História Pública não é “popularização” nem um apêndice menor, mas uma consequência lógica de um século de renovação metodológica. A historiografia ficou mais consciente de si e do seu papel social e a História Pública surge como uma resposta prática a essa consciência.

3.1. O HISTORAR-SE: FORMATO, LINGUAGEM E PÚBLICO

O canal Historiar-se também contribuiu para esta pesquisa ao fornecer o relato sobre as motivações que orientaram sua criação. No documento enviado¹²³, a equipe descreve que o projeto nasceu do desejo de ampliar o acesso ao conhecimento histórico no espaço público digital, respondendo a um cenário em que a circulação de informações sobre o passado ocorre de forma acelerada e, muitas vezes, sem mediação especializada.

Segundo o próprio canal, a iniciativa surgiu como forma de aproximar o fazer histórico do público leigo, utilizando a linguagem audiovisual para traduzir debates acadêmicos de maneira rigorosa, mas acessível. Esse testemunho permite compreender não apenas as intenções internas do projeto, mas também como seus criadores percebem o papel social do historiador em plataformas como o YouTube, reforçando a relevância do canal no campo da História Pública Digital.

O Historiar-se é produzido e apresentado pela historiadora Anita Natividade Carneiro¹²⁴ e o historiador Carlos Eduardo Barzotto¹²⁵. O contexto do surgimento do

¹²³ CARNEIRO, Anita Natividade; BARZOTTO, Carlos Eduardo. Relato Historiar-se. Acervo pessoal.

¹²⁴ Anita Natividade Carneiro é doutoranda em Ensino de História (ProfHistória/UFRGS); licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora na rede pública do município de Gravataí (RS). É idealizadora do projeto Caminhos da Ditadura em Porto Alegre e co-criadora do Pesquisadora Explica no Instagram. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8967476380951010>. Acesso em: 24/09/2025

¹²⁵ Carlos Eduardo Barzotto Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020) licenciado e bacharel em História e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

canal se dá em meio as inquietações sobre o futuro da democracia, as *Fake News* e os ataques constantes à História a partir de 2016. Segundo os idealizadores, “Nós havíamos tido contato com discussões iniciais sobre História Pública no curso de licenciatura da UFRGS, e ambos acreditávamos - e ainda acreditamos - que a História Pública é uma ferramenta muito importante para dialogar com a sociedade”.

A criação do canal ocorreu em julho de 2018 e atualmente ele possui 15,5 mil inscritos, 190 vídeos postados e um total de 496.142 mil visualizações¹²⁶. A identidade visual tem a seguinte mensagem: “Historiar-se porque a História muda você e você muda a História”, e a logo do canal é representada por uma coruja branca com uns livros coloridos ao fundo (figura 1). O nome do canal vem da ideia de que ao estudar História o sujeito se transforma e de maneira consciente também pode mudá-la.

Figura 1- Layout do canal Historiar-se. Fonte: Arquivo pessoal



Todos os vídeos contam com uma *thumbnail*¹²⁷ e os títulos são sempre em forma de questionamento, despertando o interesse do público pelo conteúdo. Um título criativo atrai a atenção e o uso das *hashtags* ajuda nas recomendações feitas pelo próprio Youtube. As gravações são realizadas em um ambiente fechado, bem iluminado. Em alguns vídeos temos a presença do Carlos Eduardo e da Anita, em outros apenas um deles aparece no vídeo, e pelo menos uma vez ao mês um historiador(a) é convidado(a) para falar sobre a sua pesquisa a partir de uma questão geradora ampla como forma de engajar o público do canal.

É professor na rede pública do município de Canoas (RS). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2574529850041680>. Acesso em: 24/09/2025

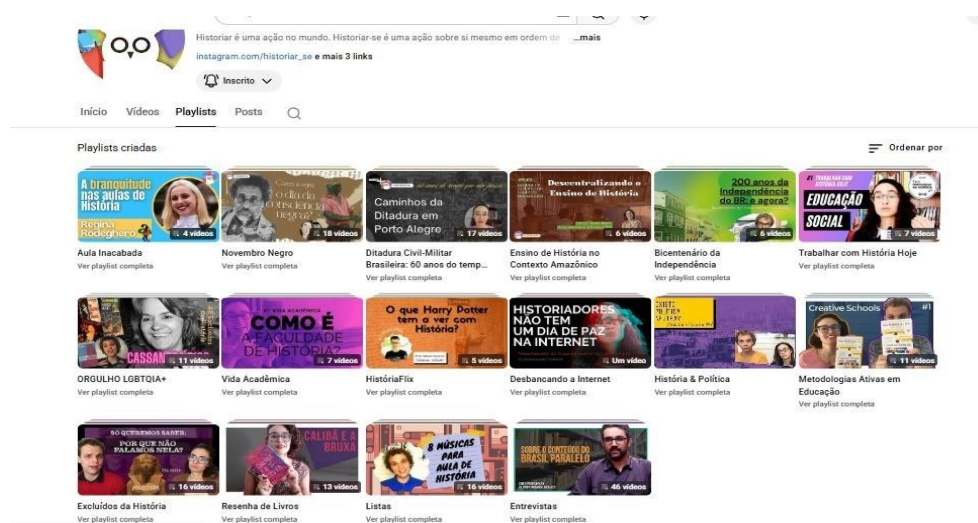
¹²⁶ Dados coletados em 24/09/2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriarSe>

¹²⁷ Uma *thumbnail* (termo em inglês que significa “unha do polegar”) é uma miniatura, ou uma versão em tamanho reduzido de uma imagem ou vídeo, que serve como uma pré-visualização para o conteúdo original.

No início do canal, os vídeos eram postados semanalmente, e o conteúdo tinha como objetivo o público que estava concluindo o ensino médio ou iniciando a graduação. Com o tempo, a audiência ampliou-se, atraindo um público do ensino superior e professores que passaram a usar os vídeos em sequencias didáticas. Desta forma, o canal passou a produzir vídeos com foco no Ensino de História e debates contemporâneos. Essa postura, inclusive, dialoga mais com a formação acadêmica dos idealizadores do canal.

Na aba “vídeos”, é possível visualizar todo conteúdo postado e filtrar pela ordem dos vídeos mais recentes, em alta e os mais antigos. Em “*playlist*” (figura 2) os vídeos são classificados em categorias definidas pelos próprios idealizadores do canal, são elas: Aula inacabada (4 vídeos); Novembro negro (18 vídeos); Ditadura Civil-Militar Brasileira: 60 anos do tempo que não passa (17 vídeos); Ensino de História no Contexto Amazônico (6 vídeos); Bicentenário da Independência (6 vídeos); Trabalhar com História hoje (7 vídeos); Orgulho LGBTQIA+ (11 vídeos); Vida Acadêmica (7 vídeos); História Flix (5 vídeos); Desbancando a Internet (1 vídeo); História e Política (10 vídeos); Metodologias Ativas em Educação (11 vídeos); Excluídos da História (16 vídeos); Resenha de livros (13 vídeos); Listas (16 vídeos) e Entrevistas (46 vídeos)¹²⁸.

Figura 2 - Lista de Reprodução canal Historiar-se. Fonte: Arquivo Pessoal



¹²⁸ Dados coletados dia 30/09/2025

Observando a *playlist* (lista de reprodução), compreendemos a estrutura narrativa que revelam as intenções pedagógicas e as escolhas políticas dos produtores. Temos a categoria de datas comemorativas (“Bicentenário da Independência”, “Ditadura Civil-Militar Brasileira: 60 anos do tempo que não passa”), outra com caráter formativo (“Vida Acadêmica”, “Trabalhar com História hoje”), enquanto uma outra categoria opera no debate público (“História e Política”, “Desbancando a Internet”). Essa variedade sugere que o canal não se limita somente na explicação de conteúdos históricos, mas tenta ocupar vários níveis de atuação: ensino, debate público, crítica historiográfica, agenda política e formação profissional. É interessante notar também como certos temas reúnem mais vídeos (“Entrevistas”, “Novembro Negro”, “Excluídos da História”), uma prioridade editorial, indicando que o canal busca dar visibilidade a grupos marginalizados, promover justiça social e oferecer pluralidade de vozes.

Ao organizar os vídeos assim, o canal estabelece percursos possíveis de aprendizagem e sugere ao público uma forma de ler o passado. Isso é o trabalho de História Pública: escolher o que mostrar, como mostrar e para quem mostrar. A análise das *playlists* permite entender como o Historiar-se constrói sua autoridade não só pelo conteúdo técnico, mas pela maneira como estrutura e distribui esses temas dentro da plataforma do YouTube.

A aba “post” permite publicar textos curtos, enquetes, imagens, links e avisos. E por último temos a “barra de pesquisa”, em que podemos digitar o título de um vídeo ou temática e localizar com mais facilidade. Além disso, o próprio YouTube recomenda alguns vídeos do canal que ficam na sessão “Pra você” e “Vídeos mais acessados” e por último, no final da página, temos os canais em destaque, geralmente canais que os produtores do Historiar-se também seguem no Youtube e aparecem como indicação para os usuários.

A escolha de uma vinheta de abertura com a batida de funk pelo Historiar-se carrega inúmeros sentidos sobre sua identidade, o público que pretende alcançar e o projeto político do canal. Quando um canal de História escolhe abrir seus vídeos com um ritmo associado à juventude periférica, à cultura urbana e à quebra da formalidade, demonstra que este canal não é engessado, pelo contrário, busca se aproximar da vida cotidiana.

Isso permite algumas leituras interessantes. Uma delas é que o canal busca aproximar o conteúdo histórico do público que normalmente não é interpelado pela linguagem acadêmica, criando uma atmosfera de acolhimento cultural. Outra é que essa escolha sonora marca posição no campo das disputas de legitimidade, mostrando que é possível produzir conhecimento histórico rigoroso sem vestir a máscara da sisudez. Existe também um gesto político aí: usar funk - um gênero historicamente marginalizado e frequentemente alvo de preconceito - como abertura afirma que a História Pública Digital não precisa reproduzir hierarquias culturais tradicionais.

Em termos simbólicos, a vinheta funciona como um convite para a experiência que o espectador irá presenciar, uma escolha estética e historiográfica. Enquanto isso, imagens de personagens históricos, intelectuais conhecidos, políticos e artistas vão surgindo: Angela Y. Davis; Martin Luther King, Mariele Franco; Michel Foucault; Anne Frank; Elis Regina; Rita Lee; Sônia Guajajara; Carlos Marighella e outras imagens de manifestações populares pelo mundo. Por fim, surge a logo do canal em branco no formato que lembra muito um marcador de páginas.

Essa montagem de imagens revela algumas escolhas claras do canal. Primeiro, há um alinhamento com as pautas sociais, resistência política e crítica das estruturas de poder. Não estamos diante de uma iconografia “clássica” da historiografia com reis, presidentes ou guerras e sim de personagens ligados a mobilizações coletivas, pensamento crítico, cultura popular e movimentos sociais.

Ao misturar figuras brasileiras e internacionais, o canal sinaliza que seus debates não se restringem ao território nacional. A escolha estética de unir funk com essas imagens cria uma espécie de ponte entre cultura popular e pensamento crítico, rompendo o velho abismo entre “erudito” e “popular”. Por fim, a aparição do logo - que lembra um marcador de páginas - dá o toque final: a ideia de que o canal quer se posicionar como ferramenta de leitura do mundo, um ponto de referência no meio informacional. Não é só uma marca gráfica; é uma metáfora. O Historiar-se se apresenta como quem marca o lugar onde você estava para que a conversa com o passado continue.

O vídeo fixado recebe o título “Os maiores nomes da História”, postado em abril de 2019, com duração de 10 min, e possui 646 visualizações e seis comentários¹²⁹. Nele podemos ver a presença da dupla, Anita e Carlos Eduardo, aprestando as problemáticas envolvendo a chamada historiografia dos “grandes homens”, “grandes acontecimentos”, preocupados com o interesse do Estado. Desta forma, a “história vista debaixo” concentra-se nas experiências, vivências e perspectivas de grupos sociais marginalizados e oprimidos, como os operários e os camponeses. Durante o vídeo eles referenciam três livros: *Costumes em comum* de E.P. Thompson, *O queijo e os vermes* de Carlos Ginzburg e *Uma História das Histórias* de John Barrow. Os livros são usados na construção dos argumentos apresentados durante o vídeo e constam na descrição com um link para quem desejar comprar ou saber mais sobre a obra.

Na descrição do canal, há a seguinte frase: “Historiar é uma ação no mundo. Historiar-se é uma ação sobre si mesmo em ordem de compreender seu papel no mundo; é “recordar o passado para despertar-se ao futuro”¹³⁰. Algumas reflexões são possíveis ao ler este trecho. Ao afirmar que “historiar é uma ação no mundo”, sugere que a prática historiográfica não se limita à reconstrução de eventos passados, mas constitui um ato de intervenção e posicionamento diante da realidade. Já o gesto de “historiar-se” representa um movimento reflexivo, no qual o sujeito volta-se para si mesmo em busca de compreender sua própria inserção histórica.

Ao “recordar o passado para despertar-se ao futuro”, individualmente e coletivamente mobilizam a memória não como uma simples evocação nostálgica, mas como instrumento de consciência e transformação social. Nessa perspectiva, o canal Historiar-se promove a divulgação da história na perspectiva da História Pública Digital, visando a ampliação da audiência pública. A divulgação de história propõe difundir os resultados das suas pesquisas para um público maior, ampliando este alcance social dos historiadores, possibilitando uma maior comunicação com a sociedade. Para se ter sucesso nas redes sociais, o historiador público precisa ter o que o Bruno Carvalho denomina de “atitude de presença”:

Refiro-me aqui à capacidade de ocupar estrategicamente uma rede social, tornando-se seu protagonista, ponto de referência e irradiador de informações e debates, sujeito-autor capaz de propor temas e de gerar o engajamento de outros usuários. O historiador público deve, para tal, dominar a linguagem das

¹²⁹ Dados coletados no canal dia 29/09/2025

¹³⁰ Dados coletados dia 06/10/2025

redes sociais – desde a composição do conteúdo até o discernimento de perfis de comportamento e demanda dos usuários, passando por elementos tão diversos quanto fundamentais para quem se debruça sobre esse universo, tais como design, monitoramento e estratégias de divulgação.¹³¹

Neste sentido, Carvalho elabora três tópicos que ele considera relevantes para o historiador que deseja atuar nas redes sociais. O primeiro é que as redes sociais reúnem milhões de pessoas, permitindo que os historiadores se conectem com um público amplo, essencial para a divulgação científica e para aproximar a sociedade do conhecimento histórico. O segundo ponto se refere a colaboração popular, através de comentários, postagens e sugestões os usuários participam da construção do conhecimento histórico, promovendo o diálogo entre os historiadores e o público, além de valorizar vozes antes silenciadas na historiografia tradicional. E por último, a internet é vista como um fenômeno histórico, influenciando valores, identidades e ideologias, devendo ser estudado como fonte histórica, dada a sua relevância na opinião popular¹³².

O autor também enfatiza que a internet é um espaço de diálogo e colaboração, permitindo a descoberta de novos documentos históricos nas pesquisas acadêmicas “Cabe ao historiador compreender como o fluxo informacional que corre por essas redes constituem valores, relacionam-se com questões como nacionalismo, identidade, ideologia, gênero, racismo, entre outras”¹³³.

A partir dessa compreensão da História como prática reflexiva e transformadora, torna-se possível abordar o canal Historiar-se não apenas como um espaço de divulgação de conteúdos históricos, mas como um campo de mediação simbólica e de construção de sentidos sobre o passado no ambiente digital. O canal se insere, portanto, na lógica da História Pública Digital, em que as fronteiras entre produção acadêmica, memória coletiva e experiência individual se tornam mais próximas e alcançáveis.

Feita a apresentação do canal, alguns questionamentos foram levantados: qual a metodologia adotada para análise do canal? O Historiar-se disputa com outros canais? Como a História tem sido apresentada neste ambiente popular, como o YouTube? A próxima seção é dedicada a responder estes questionamentos.

¹³¹ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo.” *Transversos. Revista de História*, v.07, n.07, set.2016. Rio de Janeiro.p.45

¹³² *Ibid.* p 41-44

¹³³ *Ibid.* p.44

3.2 - O VÍDEO “O ESTADO NOVO FOI FASCISTA?”

Para iniciar a análise da divulgação histórica no ambiente digital, toma-se como objeto o vídeo “O Estado Novo foi fascista?”¹³⁴, publicado no canal Historiar-se, que conta com a participação da professora Prof. Anelize (UNESP). A escolha desse material justifica-se pela centralidade do debate que propõe — a caracterização ou não do Estado Novo como um regime fascista —, tema recorrente na historiografia brasileira e frequentemente mobilizado em discussões públicas sobre o passado nacional. Nesse sentido, o vídeo oferece um terreno fértil para observar como conceitos historiográficos complexos são traduzidos para o público do YouTube, bem como para refletir sobre as estratégias discursivas, pedagógicas e de autoridade mobilizadas na divulgação histórica digital.

Publicado em 18 de abril de 2021, o vídeo possui duração de 12 minutos e 49 segundos e contabiliza 1.428 visualizações. Conforme indicado em sua descrição e após questionamentos levantados nas redes sociais, o canal convidou a professora de História Anelize Vergara para discutir se o governo de Getúlio Vargas (1937–1945) pode, de fato, ser caracterizado como fascista.



¹³⁴ Historiar-se. O ESTADO NOVO FOI FASCISTA? c/ @profanelize (UNESP). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wOtU3UW4S8E>

Na sequência, são disponibilizados links para as redes sociais da professora, para sua dissertação e para a lista de referências bibliográficas¹³⁵ mencionadas no vídeo, acompanhadas de seus respectivos acessos. Dessa forma, o público pode acompanhar o trabalho da pesquisadora e verificar as informações apresentadas. A inclusão de bibliografia na descrição é uma prática recorrente entre canais de História, pois contribui para conferir maior credibilidade à narrativa e possibilita que os espectadores consultem as fontes caso desejem aprofundar seus conhecimentos ou verificar os dados apresentados.

No vídeo, a professora Anelize aparece sem a presença dos idealizadores do canal. Esse formato, em que apenas o convidado participa da gravação, foi amplamente adotado durante a pandemia de COVID-19, em razão do isolamento social que impossibilitou a realização de gravações no mesmo ambiente. Dessa maneira, o Historiar-se conseguiu ampliar sua rede de convidados, viabilizando a participação de pesquisadores de diferentes localidades para apresentarem seus trabalhos.

Ao iniciar sua fala, a historiadora deixa claro que todos os argumentos mobilizados para responder à pergunta proposta pelo canal estão fundamentados na historiografia e encontram-se listados na descrição do vídeo. A partir desse ponto, ela contextualiza o período do Estado Novo (1937–1945), caracterizando-o como um momento historicamente bastante instável.

Anelize Vergara: “[...]Estado Novo se passa durante a segunda Guerra Mundial, a gente também tem o surgimento de diversos o governo de extrema direita e autoritário na Europa, não só na Europa, mas também na América Latina e o Estado Novo tá ali dentro de todo esse caldeirão de situações que estão acontecendo naquele momento. Então é importante lembrar que além disso o Estado Novo ele é inserido dentro do contexto da chamada Era Vargas, é um período em que o Getúlio Vargas está no

¹³⁵ Referências bibliográficas: ABREU, Alzira Alves de [et al]. Dicionário histórico- biográfico brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001; FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). O Brasil Republicano. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; CAPELATO, Maria Helena R. Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998; GOULART, Silvana. Sob a verdade oficial. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990; PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999; VELLOSO, Monica; OLIVEIRA, Lúcia Lippi; GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: ideologia e poder. Rio de Janeiro: FGV, 1992; Aula do Prof. Marcos Napolitano (USP) • A Era Vargas 1930-1945 (Aula 3, parte 1)

poder desde 1930 com a chamada Revolução de 30 e que vai até 45 com o fim do estado novo [...]”¹³⁶

A contextualização é que o Estado Novo (1937–1945) não surgiu ao acaso. Ele se desenvolveu antes da Segunda Guerra Mundial e ao avanço de governos autoritários e de extrema direita tanto na Europa quanto na América Latina. Ao usar a metáfora do “caldeirão”, ela sugere um ambiente internacional turbulento, no qual diferentes experiências políticas autoritárias estavam em ebulição e se influenciavam mutuamente.

Ao mesmo tempo, a historiadora chama atenção para a continuidade interna: o Estado Novo precisa ser entendido dentro da chamada Era Vargas (1930–1945). Isso indica uma leitura que privilegia processos históricos e não apenas rupturas bruscas. Em termos analíticos, a fala prepara o terreno para uma resposta mais variada à pergunta sobre o caráter fascista do regime. A mensagem implícita é: antes de classificar, é preciso contextualizar porque regimes autoritários podem compartilhar características sem serem idênticos. É o tipo de cautela conceitual que separa a boa historiografia do rótulo apressado que costuma circular nas redes.

Após uma breve contextualização, a trilha sonora tranquila é substituída por uma música de teor mais sinfônico, enquanto a imagem adquire coloração vermelha ao abordar o Plano Cohen, apresentado como uma suposta tentativa de invasão comunista no Brasil. Tratava-se, contudo, de um documento forjado e divulgado pelo governo Vargas em setembro de 1937, com o objetivo de justificar a instauração do Estado Novo (1937–1945), efetivada em novembro do mesmo ano. Segundo a versão difundida pelos militares à época, a Internacional Comunista estaria planejando tomar o poder no país.

Além disso, o ponto-chave do vídeo para compreender os motivos pelos quais o Estado Novo é comparado ao fascismo reside na questão da centralização do poder no Estado, apresentada como uma estratégia para pôr fim ao predomínio das oligarquias.

Anelize Vergara: “[...] de uma forma mais didática para que vocês entendam, o Estado Novo, ele foi um governo centralizador e autoritário. Por que isso, né? Porque ele me ficou já disse centralizado o poder nas mãos do executivo e tira as atribuições do

¹³⁶ Historiar-se. O ESTADO NOVO FOI FASCISTA? c/ @profanelize (UNESP). 02m:18s-02m:55s

*legislativo e coloca nas mãos do executivo. Então a gente tem aí uma característica centralizadora e autoritária [...]*¹³⁷

Dessa fala, podemos extrair o núcleo do argumento explicativo da historiadora: ela está definindo o Estado Novo a partir de sua estrutura de poder, não de rótulos ideológicos imediatos. O ponto central é que o regime foi centralizador e autoritário porque concentrou competências no Poder Executivo, esvaziando o papel do Legislativo.

Quando um governo transfere funções típicas do Legislativo (como deliberar e fiscalizar) para o Executivo, ocorre um desequilíbrio institucional. Esse movimento reduz os mecanismos de controle político e amplia a capacidade de decisão unilateral do chefe do Executivo no caso, Getúlio Vargas. A historiadora, portanto, está identificando uma característica estrutural típica de regimes autoritários: a concentração de poder.

Analicamente, essa fala cumpre duas funções importantes. Primeiro, oferece ao público um critério concreto para entender o autoritarismo do período (a reorganização dos poderes do Estado). Segundo, embora centralização seja um traço presente em regimes fascistas, ela não é exclusiva deles. Em termos de método histórico, isso funciona como um aviso implícito contra a equivalência automática, compartilhar características não significa identidade de regime.

Em suma, o que está sendo construído é uma explicação baseada em funcionamento institucional: o Estado Novo é apresentado como autoritário porque concentrou poder no Executivo e enfraqueceu o Legislativo, elemento-chave para compreender por que ele frequentemente entra na órbita comparativa com o fascismo.

Esse tipo de pensamento não se restringia ao Brasil. Diversos países europeus, ao longo da década de 1920, enfrentaram uma profunda crise econômica decorrente da Primeira Guerra Mundial, cenário que favoreceu a ascensão de governos autoritários – como o de Benito Mussolini, na Itália – que prometiam soluções rápidas para os problemas enfrentados. A crise de 1929, desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, intensificou ainda mais a perda de confiança no liberalismo econômico. Nesse contexto, passou-se a defender uma maior intervenção do Estado como caminho para restaurar a estabilidade do sistema capitalista e promover a coesão social.

¹³⁷ Historiar-se. O ESTADO NOVO FOI FASCISTA? c/ @profanelize (UNESP). 05m:30s-05m:52s

Após contextualizar e explicar aspectos do governo Vargas, Anelize destaca quais elementos aproximam o Estado Novo de regimes fascistas. No entanto, ela ressalta que, em razão das especificidades do contexto brasileiro, não é possível afirmar que se tratam de fenômenos idênticos. Por isso, defende a necessidade de cautela ao se fazer esse tipo de associação.

Anelize Vergara: “[...] desde os pontos comuns do fascismo a gente pode destacar a valorização da missão histórica da Nação representada pelo Estado, então aquela ideia de que Estado tem uma missão ali, o reconhecimento dos direitos individuais, mas aqueles direitos individuais que não entravam em conflito com as necessidades de um estado soberano; e a ênfase do significado da elite como corporificação do gênio do povo. Que vai levar as outras pessoas né a coesão a solidariedade entre o capital e o trabalho assegurado pela estrutura corporal o antiliberalismo e um antiparlamentarismo [...]”¹³⁸

Ela destaca a ideia de missão histórica da Nação encarnada no Estado. Aqui aparece um traço clássico de regimes fascistas: o Estado é apresentado como entidade superior, quase orgânica, que expressa o destino coletivo. Em termos práticos, isso tende a justificar a ampliação do poder estatal. Em seguida, ela menciona o reconhecimento condicionado dos direitos individuais. Esse é um mecanismo típico de regimes autoritários preserva-se a linguagem dos direitos, mas esvazia-se sua autonomia.

Outro ponto crucial é a valorização das elites como expressão do “gênio do povo”. Essa formulação revela uma visão hierárquica da sociedade, na qual uma minoria dirigente seria responsável por conduzir a nação. Historicamente, isso dialoga com a crítica fascista à democracia liberal de massas.

Quando ela fala da coesão entre capital e trabalho assegurada pela estrutura corporativa, está se referindo ao corporativismo, modelo em que o Estado mediará e organizaria as relações entre patrões e trabalhadores para evitar conflito social aberto. Como uma tentativa de “domesticar” a luta de classes dentro de instituições controladas pelo Estado. Por fim, aparecem dois marcadores ideológicos pesados: antiliberalismo e

¹³⁸ Historiar-se. O ESTADO NOVO FOI FASCISTA? c/ @profanelize (UNESP). 08m:24s-09m:00

antiparlamentarismo. Juntos, eles sinalizam rejeição ao pluralismo político, à divisão de poderes e à centralidade do parlamento pilares do liberalismo clássico.

O que se pode entender, então, é que a historiadora está construindo um argumento comparativo sofisticado: o Estado Novo compartilha vários traços estruturais e ideológicos com o fascismo, especialmente no plano do autoritarismo, do corporativismo e da crítica ao liberalismo. Ao mesmo tempo em que as semelhanças não equivalem a declarar equivalência total entre os regimes.

Anelize também aponta suas diferenças, pois segundo ela, no Brasil houve o movimento dos integralistas, um partido que se organizou para a tomada de poder igual ocorreu na Itália. Portanto, se trata de um governo autoritário e centralizador, não de um governo fascista como foi de Mussolini.

Apesar de não ser o foco central do vídeo, a historiadora aponta que este cenário político também influenciou outros setores da sociedade brasileira. O autor Adalberto Paranhos em sua tese, aborda no capítulo que por vezes foi deixada em segundo plano pela historiografia, focando apenas na figura de Getúlio Vargas.

É como se o foco de luz do pensamento nacional se projetasse em direção a esse protagonista sem igual, condenando os demais atores sociais a se recolher à função de coadjuvantes. Quanto aos trabalhadores e à massa da população, restaria se resignarem como meros figurantes que engrossariam as fileiras do coro.¹³⁹

Em suma, Vargas implementou um plano político de fortalecimento das leis trabalhistas: salário-mínimo, férias anuais, descanso semanal, além da Justiça do Trabalho, responsável pela resolução de conflitos entre empregado e empregador. Entretanto, as greves dos trabalhadores foram proibidas e apenas os Sindicatos legalizados poderiam mediar este diálogo entre a classe trabalhadora e os patrões, o que demonstra o poder de coesão social durante o Estado Novo.

Falar sobre o Estado Novo e a figura de Getúlio Vargas ainda causa muitas dúvidas e curiosidades na população, pois circulam muitos vídeos com conteúdo

¹³⁹ PARANHOS, Adalberto. Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015.

negacionista sobre o período, o que torna um desafio trabalhar com as mídias digitais a divulgação de história.

Portanto, refletir sobre os desafios e possibilidades do uso dos recursos digitais para a divulgação de história é de grande relevância. Lidar com a multiplicidade de sujeitos e narrativas presentes nas mídias sociais e como estas narrativas do passado vêm sendo construídas e divulgadas nestes espaços e como o historiador público digital pode contribuir com a sociedade. A democratização e acesso às informações, se não forem bem utilizadas, podem levar a banalização do passado histórico. É imprescindível que historiadores e pesquisadores da temática produzam conteúdos, propondo debates e reflexões, visando objetivo de alcançar uma ampla audiência.

Além disso, o vídeo conta com a opção de descrição, recurso que auxilia o espectador no acompanhamento da narrativa apresentada. A publicação possui 18 comentários¹⁴⁰, configurando-se como um espaço de interação entre o público e o canal. Em sua maioria, as manifestações são elogiosas ao conteúdo, havendo dois comentários de discordância e um questionamento que não recebeu resposta do canal.

3.3 – O VÍDEO “O BRASIL PARALELO PRODUZ HISTÓRIA?”

Durante a coleta de dados, observou-se que o vídeo mais acessado do canal é “O Brasil Paralelo produz história”, publicado em 23 de março de 2019. Ele acumula 51.482 visualizações, um número bastante expressivo quando comparado ao restante da produção do canal. Com 21 minutos e 9 segundos de duração e 1.019 comentários¹⁴¹, esse vídeo se destaca não apenas pelo alcance, mas também pelo engajamento. Nele, o convidado Prof. Dr. Fernando Nicolazzi (UFRGS)¹⁴² discute, a partir de suas pesquisas sobre escrita da história e usos públicos do passado, as estratégias narrativas e os enquadramentos produzidos pela empresa Brasil Paralelo. A própria descrição do vídeo

¹⁴⁰ Dados coletados no dia 11 de julho de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ujn8zSZe5Ao&t=5s&ab_channel=Historiar-Se

¹⁴¹ Dados coletados entre junho de 2024 e junho de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8>

¹⁴² NICOLAZZI, Fernando Felizardo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2763150600907417>

indica essa intenção ao afirmar que o objetivo é analisar como o grupo formula e divulga suas interpretações históricas¹⁴³.

O vídeo é segmentado em sete partes: introdução, Brasil Paralelo, Escola sem Partido, monarquia e liberalismo, escravidão, prática moralizadora e encerramento. Na introdução, Nicolazzi se apresenta em um cenário composto por estantes repletas de livros, sugerindo que a gravação ocorreu em um ambiente de biblioteca, reforçando visualmente sua autoridade acadêmica. Após a breve apresentação inicial, surge a vinheta do canal e, em seguida, o professor retoma a discussão respondendo diretamente à pergunta que dá título ao vídeo. Essa estrutura organizada e a ambientação escolhida atuam como estratégias discursivas que reforçam a credibilidade do convidado, ao mesmo tempo em que guiam o espectador pelos principais eixos da análise proposta.

***Fernando Nicolazzi:** [...]Para a pergunta, se o Brasil Paralelo faz história, a minha resposta seria bastante simples e direta. Eu acho que ele faz história, ele produz uma narrativa histórica sobre o nosso passado e disso eu não tenho a menor dúvida. Talvez a questão que a gente possa colocar para complexificar ela é nos perguntarmos que tipo de história o Brasil Paralelo faz sobre o nosso passado [...]*¹⁴⁴

A resposta inicial de Nicolazzi já estabelece o eixo interpretativo do vídeo: ele argumenta que a Brasil Paralelo não produz “História” no sentido disciplinar, mas sim uma narrativa marcada por enquadramentos ideológicos, uso seletivo de fontes e forte apelo moralizante. O professor destaca que o projeto não se orienta pelos princípios básicos da pesquisa histórica - crítica documental, contextualização rigorosa e debate com a bibliografia especializada - e, por isso, seus produtos se aproximam mais de um discurso político da extrema direita. Essa diferenciação funciona como fio condutor das demais partes do vídeo, nas quais Nicolazzi propõe suas críticas.

¹⁴³ Olá! No vídeo de hoje o nosso convidado Prof. Dr. Fernando Nicolazzi (UFRGS) responde nossa pergunta “O Brasil Paralelo produz História?”. A série Brasil Paralelo “Brasil: a Última Cruzada” propõe uma reeleitura (será?) da história do Brasil e nós como historiadores e historiadoras também devemos prestar atenção nessa narrativa do Brasil Paralelo como forma de usos do passado e história pública. Como veremos nesse vídeo de análise de uma das séries do empreendimento Brasil Paralelo que tem como tema a história do país, a direita brasileira busca uma narrativa histórica que sirva a suas demandas do presente. Ficou curioso? Assiste o vídeo!. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R71LxS5FhD8&t=6s>

¹⁴⁴ Historiar-se. O Brasil Paralelo Produz História?, Fernando Nicolazzi, 00:56 min.

Figura 4 - Vídeo do canal Historiar-se. Fonte: Arquivo pessoal



Na seção dedicada ao próprio Brasil Paralelo, o professor discute a forma como o grupo se apresenta como alternativa à “História oficial”, estratégia que busca legitimar a narrativa da empresa. Em seguida, ao tratar do Escola sem Partido, ele chama atenção para o projeto de neutralidade impossível que fundamenta a retórica do movimento. Na parte sobre monarquia e liberalismo, Nicolazzi analisa como a Brasil Paralelo reabilita certos imaginários do século XIX, frequentemente ignorando complexidades históricas para ajustar o passado a preferências ideológicas contemporâneas.

Quando aborda a escravidão, o historiador evidencia como o BP recorre a relativizações e simplificações que distorcem debates já consolidados na historiografia. Na sequência, ao discutir a “prática moralizadora”, Nicolazzi mostra que os documentários operam menos como análises históricas e mais como intervenções morais que desejam corrigir o presente por meio de uma visão idealizada do passado. No encerramento, o professor retoma a necessidade de diferenciar divulgação histórica responsável de projetos que instrumentalizam o passado para fins políticos imediatos.

É relevante situar historicamente a postagem desse vídeo. 2019 marca um momento de forte expansão da Brasil Paralelo, fundada em 2016 e apresentada por seus criadores como uma “mídia independente”, supostamente apartidária e livre de orientação ideológica. Quando confrontamos essa definição com o conteúdo efetivamente

produzido, entretanto, percebe-se a construção de uma narrativa alinhada a posições ideologia política de direita, frequentemente mobilizando o passado como repertório de legitimação política.

Essa operação resulta na formulação de versões da história brasileira que se afastam da historiografia acadêmica consolidada - tanto pela seleção parcial de fontes quanto pela simplificação de debates complexos - e ajuda a explicar a repercussão do vídeo do Historiar-se naquele período de disputas intensas sobre autoridade histórica no espaço digital.¹⁴⁵ A polêmica em torno do posicionamento político da Brasil Paralelo também é destacada no vídeo. Longe de qualquer pretensão de neutralidade, objetividade ou imparcialidade, a narrativa da produtora assume claramente um discurso alinhado à direita, sustentado na defesa da família, da moral cristã e de princípios do liberalismo político.

Esse enquadramento é mobilizado para combater aquilo que o grupo identifica como um suposto “viés esquerdista” presente na educação, na cultura e na produção acadêmica — um pacote discursivo que costuma reunir comunismo, marxismo, “gramscismo” e outros rótulos semelhantes. Ao analisar esse embate retórico, o vídeo evidencia como a BP constrói sua autoridade pública por meio da oposição direta à historiografia profissionalizada.

O sucesso comercial da produtora precisa ser compreendido dentro de um contexto mais amplo, marcado por um crescimento expressivo do interesse popular pela História, um fenômeno que transborda os limites da academia e se espalha por múltiplas plataformas e linguagens. Filmes, séries, jogos eletrônicos, podcasts e canais no YouTube tornaram-se espaços privilegiados de contato entre o público e o passado. Nicollazzi, em seu artigo, aponta que esse cenário ajuda a explicar a ascensão da Brasil Paralelo, pois a produtora se insere justamente nesse “boom” de consumo histórico ao oferecer narrativas prontas, envolventes e facilmente compartilháveis em meio digital. Segundo ele, a BP

¹⁴⁵ Brasil Paralelo: o que é, o que faz e quem financia a produtora de extrema direita. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2024/11/28/brasil-paralelo-produtora-de-extrema-direita/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=pmax_newsletter&gad_source=1&gad_campaignid=22545513018&gbraid=0AAAAA-GeiJfjvBwMy4W2g9SAOS3i5EBjU&gclid=CjwKCAiA2svIBhB-EiwARWDPjnVN3bPURXodZCCdT5enffA8ZoL1_0AQ1tjkNFWsu_HCMdYvdgJubxoCIVsQAvD_BwE. Acesso em: 11/11/2025

captura uma demanda social por História ao mesmo tempo em que disputa os sentidos do passado com a historiografia profissional.

A realidade digital permitiu, entre outras coisas, um engajamento muito maior entre os públicos da história e os produtores e divulgadores de tais conteúdos, não necessariamente historiadores profissionais. Não há dúvidas de que o surgimento e o rápido crescimento das atividades da Brasil Paralelo devem ser igualmente inseridos neste processo. Mas isso pode também ser percebido a partir dos profundos deslocamentos da situação política e social do país ocorridos na década de 2010¹⁴⁶.

A Brasil Paralelo adota um modelo nitidamente eurocêntrico em suas produções, reforçando a lógica dos “grandes heróis nacionais”, uma narrativa cara à historiografia tradicional e frequentemente mobilizada para sustentar ideais de patriotismo e unidade nacional. Tal abordagem privilegia figuras individuais, tratadas como líderes extraordinários que conduzem o destino da nação, enquanto silencia conflitos, disputas e experiências coletivas.

Essa crítica feita pelos historiadores não busca “destruir” os heróis, mas compreender e desconstruir a função simbólica que eles desempenham: a ideia de um passado marcado por pureza moral, coerência interna e exemplos a serem seguidos sem questionamento. O problema não está na existência de figuras históricas de destaque, mas na operação que transforma indivíduos complexos em ícones homogêneos, retirados de seu contexto e usados para legitimar projetos políticos contemporâneos. Ao analisar essas figuras, Nicollazi enfatiza que é necessário evidenciar as escolhas ideológicas que estruturam a narrativa nacional e abrir espaço para outros sujeitos históricos - mulheres, populações negras, indígenas, trabalhadores, movimentos sociais - que também construíram o país, mas foram silenciados pela tradição heroica oficial.

Por fim, o professor observa que a Brasil Paralelo consolidou uma “forma bem-sucedida de história pública”¹⁴⁷, ao identificar e ocupar de maneira estratégica um nicho de mercado. Essa atuação se apoia em discursos polêmicos e em táticas de comunicação que buscam deslegitimar o trabalho docente - como a frase “essa série vai desbancar seus

¹⁴⁶ NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: Restaurando a pátria, Resgatando a história. A Independência Entre Memórias Públicas e Usos Do Passado.” Brasil Paralelo: Restaurando a pátria, Resgatando a história, 2021.

¹⁴⁷ Historiar-se. O Brasil Paralelo Produz História?, Fernando Nicolazzi, 10:37 min

professores”, - criando um clima de confronto que funciona como chamariz para o público jovem. A produtora oferece uma interpretação do passado brasileiro alinhada a valores monarquistas, a uma economia liberal, cristã e escravista, articulando esse conjunto de referências como se representassem uma narrativa histórica coerente e alternativa à historiografia acadêmica.

Este vídeo gerou uma repercussão significativa em número de visualizações e comentários, elemento que não pode ser desconsiderado na análise. Para examinar essa interação, a seleção dos comentários priorizou aqueles em que o canal respondeu diretamente, permitindo observar a dinâmica estabelecida entre o público e o Historiar-se. No quadro a seguir, apresento os comentários selecionados, indicando em **negrito** o nome do usuário, bem como o número de curtidas e respostas, o que contribui para compreender o engajamento e a circulação das discussões no espaço da plataforma.

Tabela 1 - Comentários do vídeo

Comentários
@eddieaf7 há 4 anos: <i>Para conhecer a Brasil Paralelo, vc deve assistir os vídeos produzidos. Todos somos plenamente capazes de ver e ouvir conteúdos ditos de esquerda e de direita e aprender com ambos. Podemos concordar e discordar dos discursos que nos tem sido apresentados ultimamente. Não precisamos temer ver e ouvir discursos diferentes aos que estamos acostumados. Pelo contrário, precisamos aprender a ver através das diversas lentes e nos posicionarmos por nós mesmos.</i> Curtidas: 80 Respostas: 13
@luisfolha5935 há 4 anos: <i>Se houvesse de fato a pluralidade de ideias nas universidades, talvez o Brasil Paralelo sequer existisse hoje. Nas universidades atuais, ou você comunga das mesmas discussões ideológicas ou você é escanteado. A pluralidade de ideias, prerrogativa que deveria ser natural nas faculdades, não ocorre de fato.</i> Curtidas: 125 Respostas: 31
@angelamariavieira2060 há 4 anos: <i>Muito grata pelo vídeo. Agora compreendo por que alguns estudantes aparecem com explicações estapafúrdias sobre alguns episódios históricos. Gostaria de fazer o seguinte questionamento: Pelo que compreendi as produções não apresentam fontes de pesquisa. Isso já torna inválido enquanto</i>

produção científica. Essa é uma questão, a outra de onde eles retiram as informações para produzir os vídeos? O único mentor é Olavo de Carvalho?

Curtidas: 10 Respostas: 29

A análise dos comentários evidencia um ambiente de forte engajamento, no qual o público não apenas reage ao conteúdo, mas também busca diálogo direto com os produtores. Nos comentários respondidos pelo canal, nota-se uma postura cuidadosa e acolhedora por parte do Historiar-se, que esclarece dúvidas, complementa argumentos e, sobretudo, reforça a legitimidade do trabalho historiográfico frente às interpretações simplificadoras sobre o passado. Muitos usuários expressam surpresa com a abordagem crítica apresentada no vídeo ou relatam desconhecimento prévio sobre temas como revisionismo histórico e disputas de memória, o que revela o papel formativo da divulgação histórica. Ao responder essas interações, o canal reafirma sua posição como mediador entre o saber acadêmico e o público geral, demonstrando a dimensão dialógica e participativa que caracteriza a História Pública Digital.

Os comentários, como os de @eddieaf7 e @luisfolha5935, ecoam um discurso de suspeita em relação à produção acadêmica, sugerindo que o conhecimento histórico seria guiado por interesses políticos e não por métodos. Outros comentários, como o de @angelamariavieira2060, demonstram preocupação com a ausência de fontes e questionam a confiabilidade das narrativas da Brasil Paralelo, evidenciando que há também um público atento aos critérios científicos e aos impactos pedagógicos das produções negacionistas.

A crítica à imparcialidade e ao discurso acadêmico aparece como um dos desafios centrais para quem atua na História Pública Digital. Tornar acessível um conteúdo produzido dentro de uma tradição metodológica rigorosa para um público amplo e heterogêneo exige não apenas simplificação da linguagem, mas também escolhas narrativas conscientes. A própria ideia de imparcialidade, como já discutido pela historiografia contemporânea, não se sustenta: todo historiador trabalha a partir de métodos, referenciais teóricos e recortes que orientam seu olhar sobre as fontes. Isso não significa arbitrariedade, e sim responsabilidade interpretativa.

O que muitas vezes é percebido como “viés” nada mais é que a exposição explícita desses critérios de análise, enquanto discursos que se apresentam como neutros

- como o da Brasil Paralelo -escondem seus posicionamentos ideológicos sob a aparência de objetividade. No campo digital, portanto, o desafio não é fingir neutralidade, mas comunicar com clareza os fundamentos da interpretação histórica, aproximando o público do modo como o conhecimento é produzido e convidando-o a participar dessa conversa.

A segunda parte do vídeo, publicada em junho de 2022, possui maior duração, com 51 minutos e 27 segundos, e tem como objetivo responder de forma mais detalhada às questões relacionadas à empresa Brasil Paralelo. Nessa produção, Fernando Nicolazzi propõe-se a desenvolver de maneira mais aprofundada as opiniões e críticas anteriormente apresentadas no primeiro vídeo.

O diálogo evidencia que o interesse do pesquisador pela empresa surge já em 2017, quando, durante a preparação de um curso de extensão ministrado em 2018 na UFRGS, ele passa a analisar e problematizar sua atuação. O curso tinha como objetivo central o estudo da série Brasil: A Última Cruzada, entendida como uma produção de conteúdo histórico que propõe uma interpretação do processo de formação da sociedade brasileira.

Desde a divulgação inicial da série nas redes sociais, a empresa passou a ser considerada um objeto relevante de pesquisa, inserido em um campo mais amplo de estudos sobre os usos do passado, isto é, sobre as maneiras pelas quais a sociedade mobiliza diferentes passados no tempo presente.

Fernando Nicolazzi: [...]Isso se liga diretamente à minha posição como historiador. Para mim, a História é um produto de conhecimento, não a simples expressão de uma posição pessoal. A História, enquanto conhecimento, não é opinião. Não basta alguém ler meia dúzia de livros ou assistir a cursos no YouTube que vendem aulas pela internet e sair papagaiando esse conteúdo nas redes sociais. Isso não torna, necessariamente, esse material um conteúdo historiográfico, ou algo que possamos situar no campo do conhecimento histórico. A produção do conhecimento demanda tempo, demanda trabalho e, definitivamente, não se resume nem se limita à manifestação de uma opinião pessoal [...]”¹⁴⁸

Essa afirmação explicita uma concepção de História ancorada na ideia de conhecimento histórico como produção intelectual rigorosa, fundamentada em método,

¹⁴⁸ Historiar-se. O Brasil Paralelo Produz História?, Fernando Nicolazzi, 07:06-08:01 min.

tempo de pesquisa e trabalho sistemático. Ao diferenciar opinião pessoal de historiografia, o autor reivindica a autoridade do historiador não como um atributo individual, mas como resultado de práticas científicas reconhecidas no campo acadêmico.

No contexto das plataformas digitais, especialmente do YouTube, essa distinção torna-se central, uma vez que a circulação ampliada de narrativas sobre o passado frequentemente dilui os critérios de validação do conhecimento histórico. Assim, a crítica apresentada tensiona diretamente os limites entre divulgação, opinião e produção historiográfica, inserindo-se no debate contemporâneo sobre legitimidade e autoridade do historiador na História Pública Digital.

Os ataques dirigidos às universidades públicas pela Brasil Paralelo integram uma estratégia discursiva mais ampla de questionamento da autoridade acadêmica. Ao representar a universidade como um espaço ideologizado e pouco confiável, essas produções buscam fragilizar a legitimidade do historiador enquanto especialista, deslocando a validação do conhecimento histórico do campo científico para o campo da opinião e do consumo midiático. No ambiente digital, essa retórica encontra terreno fértil, pois se beneficia da lógica algorítmica e da circulação ampliada de conteúdos que se apresentam como alternativos ao saber acadêmico institucionalizado.

A constatação feita por Nicolazzi é que a empresa BP se apoia em um discurso patriótico e um cultivo de ódio a determinados indivíduos e contra os profissionais da educação e pesquisadores das Universidades. Retomando a pergunta central do vídeo, embora se apresente como uma forma de fazer história, tal prática se distancia de maneira significativa da historiografia entendida como uma modalidade de produção de conhecimento. A historiografia, enquanto campo científico, pressupõe o cumprimento de requisitos mínimos próprios das ciências humanas, o que implica cuidados teóricos, precisão conceitual e consistência metodológica. Soma-se a isso a indispensável revisão pelos pares, elemento central na validação do conhecimento científico. Na ausência desses critérios, o que se tem não é propriamente um discurso historiográfico, mas outro tipo de narrativa, desprovida do estatuto de produção científica do conhecimento histórico.

Nesse sentido, o problema não reside na falta de acesso, mas na escolha por determinadas formas de divulgação que, embora amplamente consumidas, carecem dos critérios mínimos de validação científica. Diante disso, torna-se evidente que a questão

central não está na ausência de acesso ao conhecimento histórico, mas nas escolhas feitas em relação às formas de divulgação e consumo desse saber.

Em um cenário marcado pela ampla disponibilidade de conteúdos gratuitos e qualificados, produzidos a partir de rigor teórico, metodológico e compromisso com a validação científica, cabe problematizar narrativas que se apresentam como história, mas que prescindem dos critérios que definem o conhecimento historiográfico. Assim, reforça-se a importância de reconhecer e valorizar iniciativas de divulgação histórica alinhadas aos princípios da ciência histórica, especialmente no ambiente digital, onde se intensificam disputas por autoridade, legitimidade e confiança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa permitiram compreender o canal Historiar-se como uma iniciativa relevante de divulgação histórica no ambiente digital, na medida em que articula produção de conhecimento histórico, alcance público e mediação por plataformas digitais. Nesse sentido, observou-se que, embora o meio digital potencialize a ampliação do público, ele também impõe desafios à autoridade do historiador, que passa a ser constantemente negociada diante das dinâmicas próprias da cultura digital.

A ampliação do uso da internet e dos recursos por ela disponibilizados, especialmente as redes sociais, inaugurou novas formas de comunicação e acesso à informação. Contudo, esse amplo universo digital também trouxe à tona dilemas centrais, como a veracidade dos conteúdos e a autoridade de quem os produz e difunde. Nesse contexto, o limite entre opinião e conhecimento científico passou a ocupar lugar de destaque no debate historiográfico.

As narrativas, os usos e as apropriações da História tornaram-se, assim, alvo de disputas promovidas por agentes que buscam moldar a escrita histórica a partir de interesses específicos, frequentemente em detrimento do rigor científico que caracteriza o ofício do historiador. Embora esse fenômeno não seja inteiramente novo, a velocidade com que os conteúdos circulam no ambiente digital configura um elemento distintivo do tempo presente.

A afirmação da História Pública e, de modo particular, da História Pública Digital configura-se como uma resposta necessária às lacunas e disputas que marcam o ambiente digital contemporâneo. Compreendida, neste trabalho, sobretudo como uma prática, essa perspectiva parte do entendimento de que o enfrentamento das apropriações deturpadas da História não se dá pela ausência dos historiadores nesses espaços, mas, ao contrário, por sua atuação ativa enquanto produtores e mediadores de conhecimento histórico.

A ocupação consciente das plataformas digitais, por meio da criação e organização de perfis ou canais voltados à divulgação histórica, exige dos historiadores e das historiadoras não apenas disposição, mas também o domínio das ferramentas técnicas que estruturam esses ambientes, permitindo a circulação qualificada de conteúdos fundamentados em pesquisa, método e rigor científico.

Observa-se a predominância de perfis e canais produzidos e organizados no âmbito acadêmico, seja por sujeitos ainda em formação, como graduandos, seja por profissionais já formados que atuam como pesquisadores e/ou docentes. Tal constatação reforça a centralidade das universidades, especialmente das instituições públicas, no cumprimento de seu papel social de diálogo e comunicação com a sociedade. Por meio das mídias digitais, essas instituições ampliam o acesso ao conhecimento histórico, tanto pela maior fluidez na circulação das informações quanto pela adoção de linguagens mais acessíveis, contribuindo para o fortalecimento institucional, a valorização do trabalho do historiador e a materialização das atividades extensionistas.

Apesar das potencialidades evidenciadas ao longo desta pesquisa, a divulgação histórica no YouTube também se depara com desafios significativos. As lógicas próprias da plataforma, marcadas pela busca por engajamento, pela monetização e pela centralidade dos algoritmos, frequentemente tensionam o tempo da reflexão historiográfica e o rigor metodológico exigido pelo ofício do historiador. Soma-se a isso a concorrência com narrativas simplificadoras ou ideologizadas, que, muitas vezes, alcançam maior visibilidade justamente por se distanciarem dos critérios científicos da História.

Nesse contexto, divulgar História no YouTube exige do historiador não apenas domínio do conteúdo e das ferramentas técnicas, mas também estratégias de comunicação capazes de equilibrar acessibilidade, criticidade e compromisso com o conhecimento

histórico, sem submeter a pesquisa às dinâmicas imediatistas da cultura digital. Diante do percurso analítico desenvolvido nesta pesquisa, o canal Historiar-se pode ser compreendido como uma experiência significativa de História Pública Digital, ao articular divulgação histórica, rigor metodológico e ampla circulação de conteúdos no ambiente digital.

A análise evidenciou que o canal não apenas amplia o alcance do conhecimento histórico junto a públicos diversos, como também reafirma a autoridade do historiador por meio da mediação qualificada, do uso consciente da linguagem e da explicitação dos procedimentos próprios do ofício. O Historiar-se demonstra que a presença ativa de historiadores nas plataformas digitais não representa uma diluição do saber histórico, mas, ao contrário, uma possibilidade concreta de fortalecimento da legitimidade profissional e de enfrentamento às apropriações distorcidas da História no espaço público contemporâneo.

No que diz respeito à fonte analisada, o vídeo produzido pelo professor Fernando Nicolazzi e veiculado no canal Historiar-se, que problematiza as narrativas difundidas pelo grupo Brasil Paralelo, evidencia de forma clara as disputas em torno da autoridade historiográfica no ambiente digital. Ao mobilizar conceitos, referências e procedimentos próprios do ofício do historiador, Nicolazzi constrói uma crítica fundamentada às apropriações seletivas e ideologizadas da História, demonstrando que a divulgação histórica no YouTube pode operar como espaço de mediação qualificada entre produção acadêmica e público amplo. A análise dessa fonte permite compreender como a atuação consciente de historiadores nas plataformas digitais contribui não apenas para ampliar o alcance do conhecimento histórico, mas também para reafirmar sua legitimidade científica diante de narrativas que buscam desacreditar a historiografia profissional.

Dessa forma, esta dissertação evidencia que a divulgação histórica no YouTube, embora atravessada por tensões, limites e disputas próprias da cultura digital, constitui um espaço incontornável para a atuação do historiador no tempo presente. A análise do canal Historiar-se e, demonstra que é possível conciliar alcance público, linguagem acessível e rigor científico, reafirmando a autoridade historiográfica no ambiente digital. Assim, a História Pública Digital se apresenta não como alternativa periférica, mas como campo fundamental de intervenção, no qual a presença crítica e qualificada dos historiadores contribui para o fortalecimento do conhecimento histórico, para o

enfrentamento das apropriações distorcidas do passado e para a ampliação do diálogo entre universidade e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBIERE, Sara. <História pública e consciência histórica=. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à história pública. São Paulo : Letra e Voz, 2011, p. 21.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Aedos, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 1-30, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>. Acesso em: 06/10/2025. p.22

BLOCH, Marc. Apologia da história ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURGESS, J.; GREEN, J. Youtube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARNEIRO, Anita Natividade A História YouTubada: A Ditadura Civil-Militar Brasileira no YouTube. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. "História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo." Transversos. Revista de História, v.07, n.07, set.2016. Rio de Janeiro.p.45

_____. Faça aqui seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. Revista História Hoje, v. 3, n. 5, p.165-188, 2014. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v3i5.126>

_____. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, p. 38, set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/25602/18398>. Acesso em: 18/06/2025

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. Os lugares do historiador divulgador. In: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (org.). História Pública e divulgação de história. São Paulo: Letra e Voz, 2019.p.12

CARVALHO, Mariela Costa. Divulgação Científica no Youtube: Narrativa e Cultura Participativa nos Canais Nerdologia e Peixe Babel. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - São Paulo - SP - 05 a 09/09/2016

CARVALHO, Mariela Costa. Divulgação Científica no YouTube: Narrativa e Cultura Participativa nos Canais Nerdologia e Peixe Babel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO. São Paulo, 2016. Anais eletrônicos...São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.p.11 Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2014-1.pdf. Acesso em: 29/10/2025

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.p.17

CAUVIN, Thomas. The rise of Public History: an international perspective. História Crítica, n. 68, p. 3-26, 2018.CAUVIN, Thomas. Reply. 2018a. Disponível em: <<https://public-history-weekly.degruyter.com/6-2018-12/neoliberalism-public-history/>>. Acesso em: 10 nov. 2018

COHEN, Daniel J.; ROSENZWEIG, Roy. Digital history: gathering, preserving, and presenting the past on the Web. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005. Disponível em: <https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>. Acesso em: 10/07/2025.

COSTA, Ana Cláudia Nogueira da. Comunicação e Divulgação Científica no YouTube: análise cibernética do canal BiblioUFRN. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciência da Informação. Natal, RN, 2022.

CRISCIONE, Antonino. Il salto storiografico. La scrittura della storia nell'era digitale. Roma: Donzelli Editore, 2015.

CRUZ ABREU, Gabriela. CASAMENTO PERFEITO:: AS MÍDIAS DIGITAIS E A PROPAGANDA DE NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NA INTERNET. Horizontes Históricos, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 124-138, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22110>. Acesso em: 8 ago. 2025.p.2

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Armed, 2009.p.20

GINZBURG, Carlo. História na era Google. In: Fronteiras do Pensamento 2010. Porto Alegre: 29 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wSSHNqAbd7E>>. Acesso em: 10/07/2025

HISTORIAR-SE. Plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@HistoriarSe>. Acesso em: 28/11/2025

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009. 428 pp. ISBN 978-

KELLEY, Robert. Public History: Its Origins, Nature, and Prospects. *The Public Historian*, v. 1, n. 1, p. 16-28, 1979. <https://doi.org/10.2307/3377666>

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LÉVY, Pierre. Ciberultura. São Paulo: Editora 34, 1999.p.17

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? O público e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). Introdução à História Pública. SP: Letra e Voz, 2011. p.31-52

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta G de O. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31-32.

LUCCHESI, A. Por um debate sobre história e historiografia digital. *Boletim Historiar*, n. 2, p. 45-57, 2014.

LUCCHESI, Anita. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.p.6

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. <História digital: reflexões, experiências e perspectivas=. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabelo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 150.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. História Pública: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz. 348p., 2016.

MAYNARD, Dilton. História e ciberultura: representações e práticas históricas no ciberespaço. Aracaju: Ed. UFS, 2011.p.02

MINUTTI, Rolando. Internet e il mestiere di storico: riflessioni sulle incertezze di una mutazione. Firenze: La Nuova Italia, 2001. <https://doi.org/10.36253/crom-16250>

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.p. 235

NETO, José Ricardo Silva. Alcance da divulgação científica por meio do YouTube: estudo de caso no canal Meteoro Brasil. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, 17 nov. 2018.

NICOLAZZI, Fernando. "NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: Restaurando a pátria, Resgatando a história. A Independência Entre Memórias Públicas e Usos Do Passado." Brasil Paralelo: Restaurando a pátria, Resgatando a história, 2021.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51,

maio 2015 <https://doi.org/10.18225/liinc.v11i1.797>

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. A Educação Híbrida Nem Tempos De Pandemia: Algumas Considerações. In: Observatório Socioeconômico Da Covid-19 (Ose). 2020.p.13

PEREIRA, Marcelo; MATA, Sérgio. A historicização imediata da era digital. Revista História Hoje, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 225-244, 2019. p.230

QUINTINO, S.K.S. A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL NO YOUTUBE: uma análise dos canais Historiar-se e Historiô (2018-2020). Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia - ICHPO/UFU -Bacharelado e Licenciatura em História,2022.

RAGAZZINI, Dario (Org.). La storiografia digitale. Milano: FrancoAngeli, 2004.

RODRIGUES, Icles. História no Youtube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. História Pública e divulgação de história. São Paulo. Letra e Voz,2019

SALGADO, Tiago. Públicos Algorítmicos: Relevância e recomendação no YouTube. In HOMSSI, Aline Monteiro et. al. Tempos de rupturas: críticas dos processos comunicacionais. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017, pp. 370-392.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

Apêndice 1

Lista de episódios do canal Historiar-se - [episódios do canal Historiar-se- Stefanie Quintino.pdf](#)